



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Joana Isabel Nunes Teixeira

**Conhecimento do Mundo: descobrir e explorar  
o meio natural e social em contexto de Creche  
e Jardim-de-Infância**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Joana Isabel Nunes Teixeira

**Conhecimento do Mundo: descobrir e explorar  
o meio natural e social em contexto de Creche  
e Jardim-de-Infância**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Doutora Maria Cristina Cristo Parente**

outubro de 2022

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição  
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

Durante o meu percurso académico, cruzei-me com diversas pessoas que me ajudaram e auxiliaram no mesmo, devendo-lhe o meu profundo agradecimento.

À Doutora Cristina Parente, que me orientou e auxiliou ao longo dos semestres, ensinando e transmitindo o seus conhecimentos.

À Educadora T.S, que me orientou durante o estágio em contexto de creche, e que me fez crescer enquanto profissional, transmitindo-me valores, técnicas e conhecimentos, que se revelaram importantíssimos para minha prática profissional.

Às auxiliares E.S. e R.S, que me acompanharam ao longo do estágio em contexto de creche, e que se mostraram muito prestáveis e acolhedoras, fazendo que me sentisse parte da equipa educativa.

À Educadora A. S., que me orientou durante o meu estágio em contexto pré-escolar, que se mostrou sempre disponível para me ajudar, ensinar, que acreditou em mim e nas minhas capacidades, e que me fez sentir uma profissional capaz, dotada e pronta para o futuro.

À auxiliar A P. S., que me acompanhou no estágio em contexto Pré-escolar, e que foi o meu braço direito, apoiando-me e ensinando em todo o meu percurso, que me fez valorizar o papel das auxiliares, e que me fez sentir parte essencial do dia-a-dia daquela sala.

Às crianças, tanto da creche, como do jardim-de-infância, que tanto me ensinaram, tanto amor me deram, e que tantas saudades irei ter delas. Fizeram de mim a profissional que sou e estarão sempre na minha memória.

À minha família, que sempre acreditou em mim, que me apoiou, guiou e fez de mim a pessoa que sou hoje.

Aos meus colegas e amigos de Licenciatura e Mestrado, mas em especial à Andreia, à Adriana e à Cláudia que sempre me acompanharam nos melhores e piores momentos e que me acolheram nesta universidade e me guiaram ao longo deste percurso, e que nunca deixaram de acreditar em mim.

**A todos, o meu mais sincero obrigado!**

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **Conhecimento do Mundo: descobrir e explorar o meio natural e social em contexto de Creche e Jardim-de-Infância**

### **RESUMO**

O presente relatório de estágio surge no âmbito de uma unidade curricular Estágio, organizada em dois contextos, inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Universidade do Minho, e tem como finalidade apresentar os projetos de intervenção desenvolvidos.

O estágio foi realizado em contexto de creche e jardim-de-infância. Em ambos os contextos foram desenhados projetos de intervenção com base nas observações realizadas e diálogos com as educadoras cooperantes. No relatório que se apresenta irei abordar a forma como surgiram os projetos, como se desenvolveram e como se procedeu a respetiva avaliação dos mesmos.

Ambos os projetos desenvolvidos, tinham como tema base o conhecimento do mundo, sendo trabalhado em cada contexto uma problemática diferente. No contexto de creche, o foco da intervenção foi o conhecimento do mundo natural e desenhou-se um projeto de intervenção pedagógica com estratégias que se focaram na exploração sensorial de materiais naturais e não estruturados. Em jardim-de-infância, as estratégias de intervenção pedagógica procuraram promover o conhecimento dos espaços sociais próximos das crianças, assim como as funções de cada um.

Para a realização destes projetos de intervenção, foi utilizada a metodologia da investigação-ação. Como instrumentos de recolha de dados foram utilizados registos escritos, fotográficos e audiovisuais, de modo a conseguir atribuir sentido às experiências e atividades realizadas. Com os projetos desenvolvidos as crianças puderam adquirir novos conhecimentos, bem como contactar com novos materiais e conhecer um pouco melhor o meio natural e social que lhes é próximo.

**Palavras-Chave:** características físicas, culturais e sociais, da comunidade; Cidade; Conhecimento do mundo; Exploração sensorial.

# **World Knowledge: discovering and exploring the natural and social environment in kindergarten and nursery school**

## **ABSTRACT**

This internship report is part of a course unit Internship, organized in two contexts, part of the Master's Degree in Preschool Education at the University of Minho, and aims to present the intervention projects developed.

The internship was carried out in a daycare and kindergarten context. In both contexts intervention projects were designed based on the observations made and dialogues with the cooperating educators. In this report, I will address how the projects emerged, how they were developed and how their evaluation was carried out.

Both projects were based on the theme of knowledge of the world, and in each context a different problem was worked on. In the kindergarten context, the focus of the intervention was the knowledge of the natural world and a pedagogical intervention project was designed with strategies that focused on the sensorial exploration of natural and unstructured materials. In kindergarten, the pedagogical intervention strategies sought to promote knowledge of the social spaces near the children, as well as the functions of each one.

To carry out these intervention projects, the action research methodology was used. As data collection tools, written, photographic and audiovisual records were used in order to make sense of the experiences and activities carried out. With the developed projects, the children were able to acquire new knowledge, as well as contact with new materials and get to know a little better the natural and social environment that is close to them.

**Keywords:** City; Knowledge of the world; physical, cultural and social characteristics of the community; Sensory exploration.

## Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Declaração de integridade.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Imagens .....	ix
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I- Caracterização dos Contextos de Intervenção Pedagógica.....</b>	<b>3</b>
1.1 Caracterização da instituição .....	3
1.2 Caraterização do contexto de Creche .....	3
1.2.1 Caracterização do Grupo.....	3
1.2.2 Caracterização do ambiente educativo .....	4
1.2.3 Caracterização da rotina diária.....	6
1.3 Caraterização do contexto de jardim de infância.....	7
1.3.1 Caracterização do Grupo.....	7
1.3.2 Caracterização do ambiente educativo .....	8
1.3.3 Caracterização da rotina diária.....	9
<b>Capítulo II- Enquadramento Teórico.....</b>	<b>11</b>
2. Conhecimento do Mundo na educação de Infância.....	11
2.1. Conhecimento do mundo: a importância da exploração sensorial .....	12
2.2. Conhecer o mundo: o mundo social na educação pré-escolar.....	14
<b>Capítulo III- Intervenção Pedagógica .....</b>	<b>18</b>
3. 1. Metodologia de Investigação-Ação.....	18
3.2.Projeto de Intervenção em Creche .....	19

3.2.1. Tema e objetivos .....	19
3.2.2 Descrição reflexiva da intervenção.....	20
3.2.3. Análise geral do projeto .....	29
3.3. Projeto de intervenção em jardim-de-infância .....	31
3.3.1. Temas e Objetivos .....	31
3.3.2. Descrição reflexiva da intervenção.....	32
3.3.3. Análise geral do projeto .....	53
<b>Capítulo IV- Considerações Finais .....</b>	<b>56</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>60</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>63</b>

## Índice de Imagens

Figura 1- Área das construções e área da casa.....	5
Figura 2- Área dos jogos e do trabalho em pequeno grupo .....	5
Figura 3- Espaço exterior- zona do parque.....	5
Figura 4- Material utilizado durante a atividade.....	21
Figura 5- Momento de leitura do livro: "Os animais da quinta" .....	22
Figura 6 -Exploração dos materiais por parte das crianças.....	25
Figura 7- Material utilizado para a realização da atividade.....	25
Figura 8- Exploração dos materiais pelas crianças.....	27
Figura 9- Atividade de colagem realizada com as crianças.....	28
Figura 10 - Exemplo de um mapa criado por uma criança espontaneamente.....	36
Figura 11- Mapa criado com as crianças.....	36
Figura 12- Conjunto de mapas realizados com as crianças.....	40
Figura 13 - Roteiro pela cidade (imagem 1).....	44
Figura 14 - Roteiro pela cidade (imagem 3).....	44
Figura 15 -Roteiro pela cidade (imagem 2).....	44
Figura 16- Cenário da atividade .....	50
Figura 17- Momento de exploração livre do cenário .....	50
Figura 18- Preparação dos materiais para a maquete e montagem da mesma .....	53

## **Introdução**

O presente relatório de estágio pretende apresentar os projetos de intervenção pedagógica desenvolvidos na unidade curricular Estágio, que se encontra inserida no plano de estudo do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Universidade do Minho. Este relatório foi desenvolvido no contexto de creche e jardim-de-infância, de uma instituição privada.

O projeto, em contexto de creche, foi desenvolvido ao longo de algumas semanas, com crianças com idades compreendidas entre os 2 e 3 anos. Este projeto surgiu após as observações realizadas no contexto e das conversas com a educadora cooperante. O projeto de intervenção procurou desenvolver um conjunto de atividades que se focassem na estimulação sensorial, tendo como tema “A Quinta e os seus animais”. Este tema surgiu, como referido, com base nas observações realizadas, mais concretamente, durante uma saída de grupo a uma espaço equiparado a uma quinta, em que as crianças demonstraram algum desconforto em manusear e explorar diversos materiais, como lama, ervas, entre outros. O subtema animais, surgiu com as observações durante o tempo de brincadeira livre, em que as crianças procuravam brinquedos que representavam animais, bem como os puzzles e jogos de encaixe que eram ilustrados com os respetivos animais.

No contexto de jardim-de-infância, o projeto de intervenção pedagógica desenvolvido teve como tema “Conhecendo o mundo começando pela minha cidade”, e foi estruturado segundo o projeto curricular de sala, sendo um dos temas que a educadora pretendia desenvolver com o grupo. A intervenção ocorreu ao longo de algumas semanas, tendo havido algumas interrupções fruto da pandemia Covid-19. As crianças tinham idades compreendidas entre os 4 e 5 anos.

Os dois temas desenvolvidos enquadram-se na Área do Conhecimento do Mundo, mais concretamente, no conhecimento do mundo físico, natural e social e esta área, “enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Encara-se a Área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às diversas ciências naturais e sociais abordadas de modo articulado, mobilizando aprendizagens de todas as outras áreas” (Silva et al.,2016, p.85).

No contexto de creche, as crianças tiveram a oportunidade de explorarem elementos do mundo natural, tendo como objetivo, a estimulação sensorial e o desenvolvimento de conhecimentos sobre um tema que lhes interessava, os animais. No contexto de jardim-de-infância, procurou-se criar momentos

em que as crianças pudessem conhecer o meio social que lhes é próximo, mais concretamente as instituições existentes nas cidades e respetivas profissões.

No que diz respeito à organização estrutural deste relatório, poderemos encontrar cinco capítulos.

O primeiro capítulo será relativo à caracterização dos contextos de intervenção, focando-se na organização das rotinas, dos espaços educativos e características dos grupos em que os projetos foram desenvolvidos.

O segundo capítulo será um enquadramento teórico, que se divide em duas partes, uma focada na importância da exploração sensorial na educação pré-escolar, bem como na sua importância para conhecer o mundo natural; e a outra, foca a atenção na importância de explorar questões sociais na idade pré-escolar.

O terceiro capítulo irá englobar a metodologia de investigação, os objetivos, as questões de investigação e as estratégias utilizadas nas intervenções pedagógicas. Poder-se-á ainda, encontrar algumas descrições das atividades realizadas, reflexões sobre as mesmas e a avaliação dos projetos desenvolvidos.

O quarto e último capítulo será uma reflexão geral de todo o percurso académico, dos estágios e projetos realizados e uma antevisão do futuro profissional.

## **Capítulo I- Caracterização dos Contextos de Intervenção Pedagógica**

### **1.1 Caracterização da instituição**

A instituição, na qual realizei a minha intervenção, tanto no contexto de creche como de jardim-de-infância, é um estabelecimento de ensino particular e cooperativo integrado num complexo colegial, com mais estabelecimentos de ensino, localizado numa cidade do distrito do Porto.

Esta instituição caracterizava-se por incorporar no seu estabelecimento as valências de creche, jardim-de-infância, 1ºCiclo e ATL, acolhendo crianças até aos 9/10 anos. Tinha um horário de funcionamento das 7h45minutos às 19h30minutos.

No que concerne à organização da instituição, na creche, encontrávamos um total de 5 salas, com 15 a 20 crianças cada. No contexto de jardim-de-infância, encontrávamos um total de 7 salas, com um igual número de crianças. Por norma, cada sala tinha uma equipa educativa única, havendo uma educadora para cada e uma ou duas auxiliares.

Na instituição era possível encontrar um espaço exterior com dois parques infantis, um campo de futebol, vários materiais desportivos, entre outros materiais, que eram partilhados por todas as valências da instituição. Para além deste espaço exterior, a instituição tinha um espaço fora da mesma, equiparada a uma quinta pedagógica, na qual realizava atividades com as crianças e passeios semanais, para estas poderem explorar o local.

A instituição oferecia ainda um conjunto de atividades extra curriculares, que se enquadravam no plano de estudos dos diferentes anos. De entre as atividades havia: música, karaté, dança, educação física e inglês.

### **1.2 Caraterização do contexto de Creche**

#### **1.2.1 Caracterização do Grupo**

A sala em que realizei o meu estágio era constituída por 14 crianças, sendo 10 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 2 e 3 anos. Este grupo integrava uma criança de nacionalidade estrangeira e três que eram acompanhadas por uma terapeuta da fala.

No que concerne às principais características do grupo, observei que a maioria das crianças já era autônoma na hora da higiene e da alimentação, havendo apenas uma criança que necessitava de ajuda diária para se alimentar e três que usavam fralda diariamente, as restantes já estavam desfraldadas.

Durante a realização das atividades observava que as crianças eram bastante empenhadas e mostravam interesse aquando da realização das mesmas. No momento de brincadeira livre, observava vários momentos de conflito entre as crianças, provocados pela dificuldade de partilharem uns com os outros os brinquedos, livros ou até mesmo a atenção do adulto. Este tipo de conflitos sociais são característicos desta faixa etária, porque a criança começa a ganhar consciência do “eu” e tudo começa a ser dela, originando assim confrontos com as outras crianças. (Post&Hohmann, 2003, p.91) Mas se por um lado eram agitados, por outro, eram um grupo de crianças muito amável, acolhedor e ativo.

### **1.2.2 Caracterização do ambiente educativo**

O espaço da creche deve estar organizado de uma forma coerente, para conseguir dar resposta às necessidades bases das crianças. (Machado e Sousa, 2018, p.56) Segundo Post&Hohmann (2003), criaram-se três linhas orientadoras para organizar um espaço para crianças até três anos, sendo elas, “criar ordem e flexibilidade” para se conseguir responder aos interesses das crianças, que estão sempre em constante mudança, fazendo que a criança consiga fazer escolhas e cada vez mais sinta controlo sobre o espaço que a rodeia; “proporcionar conforto e segurança a crianças e adultos ; ” de forma a que as crianças se sintam confortáveis para explorarem o espaço com todos os seus sentidos ; “apoiar a abordagem sensório-motor das crianças à aprendizagem”, reconhecendo assim que as crianças precisam de ambiente dinâmico e desafiador, com materiais e pessoas que as desafiam. Segundo estes princípios, as salas devem estar organizadas por áreas de aprendizagens; com espaços amplos e caprichados de materiais, que apelem à exploração sensorial das crianças (Araújo, 2018,pp.83 e 84).

A sala da creche, na qual realizei a intervenção pedagógica, encontrava-se organizada por áreas de aprendizagem, que seguiam os princípios do modelo curricular High-Scope, estando assim enriquecidas com materiais que iam ao encontro dos interesses das crianças.

Na respetiva sala encontrávamos a área da casa, que estava dividida em duas, sendo uma a zona da cozinha, com eletrodomésticos de madeira e instrumentos do quotidiano e a outra a zona do quarto; a área da biblioteca, com alguns livros adequados à faixa etária; a área das construções, constituída por vários objetos de construção, como legos, cones, formas que se encaixavam; a área da pista, composta por um cesto com carros de plástico e de madeira, e um tapete ilustrado com estradas; a área dos jogos, constituída por uma estante com prateleiras com vários puzzles e jogos de encaixe e de memória, e uma mesa grande com várias cadeiras; tínhamos ainda na sala a área de trabalho em pequeno grupo,



Figura 2- Área dos jogos e do trabalho em pequeno grupo

constituída por uma mesa e por uma estante com diversos materiais de escrita; a área de trabalho em grande grupo, composto por um tapete grande, com mapas de presenças, mapa do tempo, e das estações do ano. As restantes áreas como as casas de banho, o refeitório e o polivalente eram no exterior da sala e partilhados pelas restantes salas da creche.

A sala, possuía ainda um acesso direto ao espaço exterior, onde se podia encontrar uma piscina de bolas, vários triciclos e um parque como vemos na figura 3. O exterior era muito utilizado pela educadora, tanto no tempo de brincadeira livre, como para desenvolver atividades com as crianças.

O espaço exterior é um local muito rico em experiências e vivências, cheio de oportunidades de exploração para as crianças e “(...) alarga em muito o reportório das experiências sensoriomotoras.” (Post&Hohmann, 2011, p.41). Em Portugal, o brincar está cada vez mais circunscrito ao interior, sendo necessário alterar estes hábitos, de forma que, as crianças voltem a reconectar-se com a natureza e desenvolvam hábitos mais saudáveis e menos sedentários (Bento & Portugal, p.87). Para além do parque exterior, as crianças deste contexto



Figura 1- Área das construções e área da casa



Figura 3- Espaço exterior- zona do parque

usufruíam de um espaço fora da instituição, que se assemelha a uma quinta, o qual visitavam uma vez por semana até ao período da época balnear, passando em seguida a ter saídas à praia da cidade.

### 1.2.3 Caracterização da rotina diária

As rotinas diárias são fundamentais para o desenvolvimento das crianças. “Uma rotina é mais do que saber a hora a que o bebé come, dorme, toma banho e se vai deitar. É também saber como as coisas são feitas...as experiências do dia-a-dia das crianças são as matérias-primas do seu crescimento.” (Evans e Ilfield, 1982, citado em Post&Hohmann, 2003, p.93)

Oliveira-Formosinho, em 2013, refere que as rotinas diárias devem ser “respeitadoras das preferências e das motivações das crianças” tentando desta forma preservar “o bem-estar e as aprendizagens” das mesmas. O autor acrescenta ainda que “os tempos pedagógicos organizam o dia e a semana com ritmo” sendo por isso fundamental que este tempo seja pensado e estruturado previamente pelo/a educador/a, de forma a preservar todos os aspetos descritos anteriormente.

Tabela 1- Rotina Diária da Creche

HORÁRIO	ATIVIDADE
<b>9H - 9H:15M</b>	Acolhimento
<b>9H E 30M</b>	Lanche da Manhã
<b>9H E 40M</b>	Tempo em Grande Grupo
<b>10 H</b>	Atividade Orientada
<b>10HE45M</b>	Tempo de brincadeira livre ou tempo no exterior
<b>11H</b>	Almoço
<b>11H30M</b>	Higiene
<b>12H</b>	Descanso
<b>15H</b>	Higiene
<b>15H15M</b>	Lanche
<b>15HE45M</b>	Brincadeira Livre
<b>16HE30M</b>	Atividades no exterior
<b>17H</b>	Fim das atividades educativas

Na creche, encontrávamos uma rotina diária que por vezes sofria alterações devido às atividades extracurriculares que as crianças tinham. As crianças saíam semanalmente a uma “quinta pedagógica” no exterior da instituição, e às quartas-feiras, tinham música com uma professora especializada. No início da época balnear, saíam durante a manhã para a praia.

A educadora responsável pela sala realizava diariamente atividades com as crianças, enquadradas no plano curricular de sala, tentando sempre que fossem no mesmo horário (10h/10h e 45m). A seguir às atividades realizadas com a educadora, as crianças tinham sempre tempo para brincarem ou assistirem um filme, antes da hora de almoço. Depois da hora de almoço, seguia-se o tempo do descanso, em que as crianças dormiam perto de 3h, acordando antes da hora do lanche. Lanchavam sempre por volta das 15h/15h e 15m, e após o lanche seguiam para o polivalente ou sala ou recreio, e aguardavam pela hora de saída a brincar. Por vezes a educadora optava por realizar algumas atividades com as crianças na parte da tarde, mas não era algo diário.

### **1.3 Caracterização do contexto de jardim de infância**

#### **1.3.1 Caracterização do Grupo**

A sala na qual realizei o meu estágio era constituída por 22 crianças, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Este grupo integrava duas crianças de nacionalidade estrangeira e cinco que eram acompanhadas por uma terapeuta da fala e ocupacional.

Este grupo era bastante amável, conversador e curioso. Não se envolviam muito em conflitos, e quando aconteciam eram rapidamente resolvidos pelas crianças, com o apoio da educadora ou da auxiliar. Neste grupo era raro haver crianças a chorarem por algum motivo que não fosse terem-se magoado, o que causava estranheza no grupo quando alguma criança chorava, pois sentiam logo a necessidade de procurar ajuda para o amigo que estava aflito.

No que concerne ao interesse demonstrado pelas crianças no desenvolvimento de atividades ou na exploração de novos materiais, era um grupo muito trabalhador, que gostava de aprender e ser exposto a novas experiências; eram empenhados e mostravam sempre muito orgulho pelos trabalhos que realizavam.

No tempo de brincadeira livre, exploravam todas as áreas da sala, não havendo uma predileta. A área da biblioteca era a menos procurada no momento de exploração livre, mas no momento de grande grupo na manta, as crianças pediam muitas vezes para lhes contarem histórias e a educadora também tinha o hábito de lhes ler regularmente.

### **1.3.2 Caracterização do ambiente educativo**

A sala estava dividida em diferentes áreas de atividade que permitiam diferentes oportunidades de aprendizagens. A organização de uma sala por áreas é fundamental para trabalhar com um grupo de crianças, e a sua organização acarreta mensagens pedagógicas importantíssimas, pois cada área possibilita a vivência de experiências sociais e não sociais únicas, sendo um alicerce para a aprendizagem ativa. (Oliveira-Formosinho, 2013, pp.83-84)

Encontrávamos distintas áreas tais como, a área da casa, que era bastante espaçosa e caprichada nos materiais que oferecia; a área da biblioteca, composta por uma estante com diversos livros, de diferentes temas, havendo livros de narrativas de fantasia, livros sensoriais, livros temáticos, entre outros; a área dos jogos, constituída por diversos puzzles, jogos de encaixe e de memória, materiais de construção, como legos, blocos, entre outros; a área da garagem, composta por uma estante com vários carros de plástico e madeira, aviões, bonecos e animais, e um tapete ilustrado com estradas; a área da plástica, que era composta por materiais de escrita e desenho, com caixas identificadas com o nome de cada criança para guardarem os seus trabalhos; a área de trabalho era composta por duas mesas grandes; a área da natureza, composta por diversos materiais naturais, como pinhas, milho, nozes, conchas, folhas, sementes, entre outros. Estes materiais eram trazidos pelas crianças e explorados em grande grupo antes de serem colocados na área.

A sala era espaçosa, bem organizada e oferecia muitos materiais para as crianças explorarem. Tinha ainda um acesso direto ao exterior, onde encontrávamos um parque com baloiços, escorrega, um campo de futebol e um trampolim.

Com base na organização desta sala, podemos dizer que a educadora se guiava pelo modelo curricular High-Scope, havendo claramente “áreas de trabalho bem definidas e localizadas de forma lógica”; “materiais sistematicamente ordenados e claramente etiquetados”; “objetos reais, materiais para usar os sentidos e para “fazer de conta” e materiais para fazer representações...”. (Oliveira-

Formosinho, 2013, p.104) Um espaço pedagógico bem organizado, bem estruturado e com uma oferta de materiais estimulantes para as crianças, ajuda na construção de noções relativas ao espaço e sua respetiva organização “... as crianças pré-escolares trabalham com pessoas e materiais e resolvem problemas espaciais..., ganham consciência das relações espaciais no seu contexto envolvente mais próximo” (Hohman & Weikart, 1997, p. 739); observam coisas e lugares de diferentes perspetivas aprendem a localizar objetos na sala, na escola e na vizinhança; conseguem distinguir e descrever formas e objetos; (Oliveira-Formosinho, 2013, p.104). Para além disso, ajuda-as no seu desenvolvimento motor, através da manipulação dos objetos e das movimentações que faz pelo espaço no momento da brincadeira (Oliveira-Formosinho, 2013, p.104).

### 1.3.3 Caracterização da rotina diária

Tabela 2- Rotina Diária Jardim-de-Infância

HORÁRIO	ATIVIDADE
<b>9H-9H:15M</b>	Acolhimento
<b>9H E 30M</b>	Tempo no exterior
<b>10H</b>	Tempo em Grande Grupo
<b>10H E 30M</b>	Atividade Orientada
<b>11H</b>	Brincadeira Livre
<b>11H30M</b>	Higiene
<b>11H E 40H</b>	Almoço
<b>12H E 15M</b>	Higiene
<b>13H</b>	Tempo no exterior
<b>13H E 15M</b>	Atividade Orientada
<b>14 E 15M</b>	Brincadeira livre
<b>15H E 30M</b>	Lanche
<b>16H</b>	Tempo no exterior/Brincadeira livre
<b>17H</b>	Fim das atividades educativas

As rotinas no jardim-de-infância, tais como nos contexto de creche, devem ser previsíveis, respeitando um horário diário, mas ao mesmo tempo flexíveis, podendo ser alteradas consoante as

necessidades das crianças. As rotinas devem ser planeadas pelo adulto tendo em conta os interesses das crianças, e as atividades planeadas devem se tornar em momentos lúdicos, que proporcionem aprendizagens ativas” A rotina diária High/Scope...ajuda os adultos a organizarem o seu tempo com as crianças de forma a lhes oferecer experiências de aprendizagem activas e motivadoras” (Hohmann & Weikart, 1997, p.224). As rotinas devem respeitar os tempos e temperamentos de cada criança, para que estas se sintam confortáveis e acolhidas no contexto. (Post & Hohmann,2003)

A rotina deste grupo era flexível, querendo dizer com isto, que os momentos fixos eram os das refeições e das atividades extras que eles tinham. Durante a manhã não havia uma rotina concreta, as crianças chegavam à sala e em alguns dias iam brincar para as áreas e em outros dias sentavam-se na mesa ou manta. O acolhimento/cantar os bons-dias poderia ser feito logo às 9h como às 10h ou 11h, não era igual todos os dias. Todas as quartas-feiras tinham música e inglês, e às quintas-feiras tinham educação física, fora da sala e dirigidas por professoras que não eram a educadora.

A hora de almoço era entre as onze e meia e o meio-dia e um quarto, sendo que quando terminava os almoços, algumas crianças iam dormir e as restantes ficavam na sala a brincar até a educadora regressar da pausa de almoço. Quando regressava desenvolvia algumas atividades com eles ou terminava alguma que não tivesse ficado concluída de manhã até à hora do lanche, que era por volta das 15h e 30m. Quando terminavam o lanche, regressavam à sala e brincavam até irem embora.

Uma rotina organizada, flexível e adaptada aos interesses das crianças, auxilia as crianças a ganharem noções temporais, conseguindo prever o que vai acontecer ao longo do seu dia fazendo com que se sintam seguras e confortáveis no ambiente em que se encontram inseridas.

Como é referido nas orientações curriculares para a educação pré-escolar,

“A consciencialização das rotinas, dos diferentes momentos que se sucedem ao longo do dia e ao longo do ano, a elaboração e uso de horários e calendários são importantes para a compreensão de unidades básicas do tempo. É através destas vivências que a criança toma consciência do desenrolar do tempo: o antes e o depois, a sequência semanal, mensal e anual e ainda o tempo marcado pelo relógio” (Silva et al., 2016, p.88).

Para além disso, uma rotina organizada potencia as aprendizagens das crianças, pois os momentos são pensados e estruturadas para tal, como nos diz, Oliveira-Formosinho (1998) desenvolver uma rotina é transformar o tempo num “tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas” (p.71).

## Capítulo II- Enquadramento Teórico

### 2. Conhecimento do Mundo na educação de Infância

As crianças são exploradores/descobridores natos, que desde que nascem tentam descobrir o mundo que as rodeia de forma ativa, utilizando os seus sentidos como ferramentas neste processo. "Através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos e ações, são capazes de construir o conhecimento" (Post & Hohmann, 2003, p. 23). Jean Piaget (1952-1966), criou o termo sensorio-motor, para descrever o processo de aprendizagem das crianças, dos 0 aos 2 anos, em que estas utilizam os seus órgãos sensoriais e capacidades motoras para se relacionarem de forma ativa com o mundo. (Baptista & Neto, 2019, p. 16)

À medida que a criança cresce e começa a intervir nos diferentes meios que a rodeia, vai adquirindo ideias sobre o mundo e como este funciona, precisando cada vez mais de estímulos e desafios, que podem ser disponibilizados através de uma grande e variada rede de materiais, atividades e ambientes. Este constante desafio fará a criança conhecer o mundo que a rodeia e perceber como deve atuar nele e que cuidados deve ter. Nas orientações curriculares para a educação de infância, é salientada a importância de se trabalhar questões ligadas ao conhecimento do mundo, havendo mesmo referência a áreas específicas, que remetem a nossa atenção para este tema. Ao trabalhar estas questões com as crianças, possibilitamos-lhes desenvolverem conhecimentos não só sobre o mundo, mas também como este se organiza e como podem agir nele. "A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social." (Silva et al. 2016, p.85).

O adulto durante este processo de conhecimento do mundo, assume o papel de estimulador, oferecendo novos e desafiantes materiais; estando atento ao comportamento das crianças e satisfazendo as suas necessidades. Ao interagir positivamente e precocemente com o adulto, a criança vai construindo uma "base de experiência para interpretar o mundo", e vai fortalecendo "as sinapses (conexões cerebrais ou vias neuronais) que irão utilizar o resto das suas vidas" (Post & Hohmann, 2003, p. 24).

Seguindo esta perspectiva, direciono a minha investigação para a importância de conhecer o mundo natural através da exploração sensorial e a importância de se trabalhar questões relacionadas com o meio social próximo da criança, como ponte para a construção da sua ideia sobre o mundo que a rodeia.

“A área curricular que nos ocupa, tem como objectivo, a descoberta, o conhecimento e a compreensão de tudo aquilo que configura a realidade da criança, principalmente a realidade que está ao alcance da sua percepção e experiência. Este meio abrange tanto os ambientes e objectos, as relações sociais imediatas (família, casa, rua, parque, jardim de infância, grupo, outros companheiros e amigos, pessoal empregado no jardim de infância...), como outros âmbitos que, apesar da sua possível distância física e temporal, e à medida que a criança cresce, se encontram estreitamente ligados aos seus interesses e provocam a sua curiosidade e desejo de saber.”(Soares, 1997, p.375)

## **2.1. Conhecimento do mundo: a importância da exploração sensorial**

Desde que nascem as crianças começam a tentar descobrir o mundo que as rodeia, porque tudo para elas é novidade. A psicóloga infantil Selma Fraiberg, chamou de “intensa sede de exploração sensorial” ( Post & Hohmann, 2003, p.47), à necessidade que as crianças de tenra idade têm de descobrirem e explorarem os objetos que as rodeiam para saberem a sua função. Nesta faixa etária, o principal mecanismo que a criança possui para descobrir o meio que a rodeia é o seu próprio corpo, mais concretamente os seus 5 sentidos. Através do tato, da visão, do olfato, do paladar e da audição, a criança vai explorando o seu redor, sendo capaz de construir os seus próprios conhecimentos. (Post & Hohmann, 2003, p.23) Como nos diz Tardos (2008), uma criança que esteja num ambiente favorável, procura por si só, utilizando os seus sentidos, explorar o meio que a rodeia, iniciando atividades sozinha, sendo um aprendiz ativo. Isto é possível pois é um ser autónomo, que tem espírito de iniciativa, que demonstra interesse pelo desconhecido e que quer conhecer o mundo que a rodeia. (como citado em Fochi, 2018).

À medida que as crianças exploram os objetos, envolvem-se num conjunto de experiências-chave, como por exemplo, “explorar objetos com as mãos, pés, boca, olhos, ouvidos e nariz; descobrir a permanência do objeto; explorar e reparar em como as coisas podem ser iguais ou diferentes” (Post & Hohmann, 2003, pp.47 e 48). Este tipo de experiências são importantes para a construção de conhecimentos sobre o meio que a envolve, uma vez que permite que a criança apreenda as características dos objetos explorando ativamente os mesmos, com os seus sentidos.

De forma a potencializar este processo de construção de conhecimentos, é fundamental que a criança cresça num ambiente que para elas seja seguro e dinâmico, “ com pessoas, materiais e objetos que proporcionem os desafios que procuram quando estão prontos para tal “(Post & Hohmann, 2003, p.114).

O adulto deve possibilitar que a criança explore, se movimente, exercite a sua capacidade criativa e consiga resolver os seus próprios problemas. É fundamental que as crianças sejam notadas como aprendizes ativos e capazes de construir os seus próprios conhecimentos, e o adulto deve-se apresentar como um apoiante desse processo, organizando e recheando o espaço da criança; criando atividades que lhes possibilitem alargar a sua rede de conhecimentos, entre outros; acreditando assim nas capacidades de construir conhecimentos sozinhas “...passa-se agora a pôr a criança em contacto com uma realidade educativa estimulante onde se acredita que ela, por sua iniciativa, constrói o conhecimento...” (Oliveira & Formosinho, 2013, p.75)

Como referem Post & Hohmann (2003):

“Em contextos de aprendizagem ativa, os adultos apoiam as iniciativas das crianças e os seus desejos de explorar com os cinco sentidos. Compreendem que as explorações automotivas das crianças lhes proporcionam experiências-chave - uma aprendizagem que se revela fundamental para o crescimento e desenvolvimento humano saudável” (p.12).

O espaço físico, como elemento fundamental deste processo, deve se apresentar como “seguro, flexível e pensado para as crianças, de forma a proporcionar-lhe conforto e variedade às necessidades e interesses que o desenvolvimento em constante mudança impõe.” (Post & Homann, pág.14). Este espaço deve ser pensado e organizado por áreas de interesses e materiais que potenciem a exploração das crianças, e que sirvam as suas necessidades, “ambiente físico e material [...] deverá

refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento” (Formosinho & Araújo, 2013, p.93) .

Os materiais não se devem cingir aos tradicionais brinquedos de plástico, mas sim, materiais versáteis e naturais que apelem a experiências sensoriais, em que a criança possa manusear, provar, observar, cheirar, entre outros, como sugerem Hohmann e Weikart (2011, p.42) “materiais naturais como conchas, bolotas ou pinhas, e materiais de desperdício como caixas de cartão ou tubos de papel-higiênico são apelativos para as crianças porque podem ser usados de diversíssimas formas”. Para além dos materiais, o ambiente físico deve incluir uma grande variedade de texturas que potenciem a exploração tátil, como nos sugerem Post & Hohmann (2003), zonas com alcatifas; zonas com materiais naturais como relva, pedra, tijolo; cortinas de algodão, cordão de veludo, linho indiano; paredes com diferentes tipo de papel, espelhos, cortiça, entre outros.

Todos estes fatores influenciam o processo de aprendizagem das crianças, sendo por isso fundamental, que nesta faixa etária, se procure enriquecer ao máximo o meio próximo das crianças, para que esta tenha o maior número de experiências possíveis.

## **2.2. Conhecer o mundo: o mundo social na educação pré-escolar**

A criança desde o seu nascimento começa a interagir socialmente no mundo, sendo um fator muito importante para o seu desenvolvimento, este tipo de interações.

Como insinuam os autores Hohmann & Weikart, em 2011, “ A relações sociais que as crianças pequenas estabelecem com os companheiros e com os adultos são profundamente importantes, porque é a partir destas relações que as crianças de idade pré-escolar geram a sua compreensão do mundo social” (p.574)

As crianças ao ingressarem numa creche ou num jardim-de-infância, são confrontadas com uma nova realidade em que lhes é possibilitado aumentar os seus vínculos afetivos e sociais, uma vez que, elas deixam de conviver e conhecer apenas o contexto familiar, para descobrirem um novo grupo de pessoas e um conjunto de espaços diferentes, como nos diz Vasconcelos, em 2004 “o processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças é, essencialmente interativo, envolvendo relações e interações com as outras pessoas”(p.144)

O tipo de interações que ocorrem diariamente com as crianças são fundamentais para a construção de uma ideia positiva ou negativa sobre o mundo, pois quando confrontadas com interações negativas as crianças ficam “mais predispostas a formar uma imagem do mundo como um lugar de perigo e de confrontação” (Hohmann & Weikart, 2011, p.574)

Quando as crianças estão envolvidas num ambiente social saudável, que lhe transmite segurança e apoio, sentem-se predispostas a explorar os ambientes em que estão inseridas, sendo este ponto fundamental para crescer socialmente. Oliveira-Formosinho, em 2013, corrobora esta ideia, afirmando que “é neste clima que a criança desenvolve a autonomia, a capacidade para a independência, a exploração e ligações afetivas e sociais.” (p.93)

Com o envolvimento neste clima, a criança começa a explorar o meio que lhes é próximo, envolvendo-se com o mesmo, de forma a tomar consciência da sua identidade, bem como, aprender a respeitar os outros, aprender regras, conhecer os seus direitos e deveres, e ainda estimar o património natural e social.( Silva et al., 2016, p. 33)

À medida que vão explorando o meio que as rodeia, vão se apercebendo das diferenças existentes no mesmo, bem como, a mescla de culturas que atualmente constituem as comunidades. É importante que conforme a criança tome consciência das diferenças à sua volta, comece a apreender sobre elas, e desse modo, desenvolverá “uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia” (Silva et al., 2016, p. 44). Um dos objetivos da educação pré-escolar é formar cidadãos autónomos, conscientes, ativos, respeitadores e que aceitam as diferenças no mundo, como é realçado na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (1997) “Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade” (p. 671).

Ao explorar aspetos relacionados com a sua sociedade, a criança começa a conhecer o meio físico que a envolve, bem como, os espaço e serviços que esta lhe oferece. “Estes saberes facilitam uma progressiva consciência de si, do seu papel social e das relações com os outros e uma melhor compreensão dos espaços e tempos que lhe são familiares, permitindo-lhe situar-se em espaços e tempos mais alargados.”(Silva et al., 2016).

Este trabalho com as crianças permite que estas conheçam o meio físico que as rodeia ( a sua casa, a sua escola, a sua cidade), mas também o meio cultural e social ( o seu país, o seu património cultural, o resto do mundo) .Trabalhar-se questões sociais é ajudar a criança a compreender noções

ligadas ao seu passado, de forma a explicar o seu presente. É ajudar a criança a compreender questões temporais que lhes possibilitam perceber as suas rotinas e a sua importância e que lhes possibilita distinguir os diferentes momentos da sua semana e do ano. (Silva et al., 2016)

O trabalho de questões ligadas à história e geografia em idade pré-escolar é importante para a compreensão de noções temporais e espaciais. Apesar de Piaget, numa fase primordial sobre estudos das crianças acreditar que as mesmas não eram capazes de desenvolver conhecimentos sobre questões histórico/temporais e espacial, ao afirmar que “na fase pré-operacional de desenvolvimento carecem da capacidade de transferir ou seguir mentalmente o curso da mudança de uma situação para outra, o que limita a sua capacidade de compreender mapas e outros símbolos de representação espaciais”(citado por Walker, 2007, p.123). Este pensamento foi refutado e investigado, de forma que comprovaram que a criança possui capacidades de compreender termos e conceitos histórico/geográficos, e o problema está na forma como estes conceitos são abordados com as crianças, que fazem com que estas não compreendam, por serem demasiado escolarizados, aquando do seu uso na educação pré-escolar.(Walker, 2007, p.127)

Sunal, que também investigou a compreensão do tempo e da história por parte das crianças, afirma que “ a linguagem sobre o tempo que os professores usam deve estar ligada ao nível de desenvolvimentos dos alunos”, acrescenta ainda que por volta dos 4 anos, as crianças já são capazes de distinguir o passado e o presente, e a partir dos 5 anos conseguem sequenciar acontecimentos. (citado por Spodek & Saracho, 1998, p.328).

No que toca às questões geográficas, Sunal(1993) afirma que as crianças “podem desenvolver conceitos de espaço topológico, como proximidade, inclusão, ...separação e ordem”, e defende ainda a exploração de mapas simples, como auxílio para a compreensão sobre o mundo (citado por Spodek & Saracho, 1998, pp.328 e 329) . Blaut e Stea (1974) também concluíram que as crianças de 3 anos são capazes de compreender certos tipos de mapas simples, enquanto outros autores como Rushdoony (1968), afirmam que não existem dados suficientes para se crer que a introdução deste material em idade tão precoce seja vantajosa para as crianças. (Solé, 2020) .

O trabalho com mapas, facilita a aprendizagem da geografia, sendo que as crianças adquirem estes conhecimentos quando constroem os seus próprios mapas, sendo que os primeiros que lhes sejam apresentados devem ser simples, com localizações familiares e adequados à respetiva faixa etária. (Solé. 2020) . O trabalho com mapas ajuda na construção de noções relativas à direção, orientação e distância (“próximo”, “longe” e “mais longe”). Para além disso, o trabalho com mapas

em idade pré-escolar possibilita que as crianças desenvolvam noções sobre o espaço topológico (conceito que começa a ser perceptível pelas crianças a partir dos 2 anos de idade) euclidiano e projetado (conceitos compreendidos a partir dos 4 e 5 anos). (Solé, 2019) Os autores Lanegran, Snowfield e Lauren (1970) verificaram que as crianças são capazes de aprender os pontos cardeais no jardim de infância. (Citado por Solé, 2020)

De forma a potencializar as oportunidades das crianças de construir, novos conhecimentos, é importante que haja uma ligação entre as diversas áreas de conteúdo, destacadas nas orientações curriculares da educação pré-escolar. Ao conhecer o património cultural, a criança constrói significados acerca da sua identidade, assim sendo, e como é referido nas orientações curriculares para a educação pré-escolar (2016), observar e conhecer diferentes contextos (museus, galerias, monumentos, etc), possibilita à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence, cabendo desta forma, ao educador e ao contexto educativo oferecer este género de experiências às crianças. Para além deste género de atividades relacionadas ao subdomínio das artes visuais, também é possível que a criança ao contactar com diferentes estilos musicais, oriundos de diversos locais do globo, comece a valorizar a esta arte, como “fator de identidade social e cultural”. (Silva et al., 2016, p. 59)

Estes são alguns exemplos de formas de valorizar a exploração do meio envolvente da criança, através de momentos lúdicos e versáteis, que despertem a curiosidade da criança e que a façam querer conhecer o mundo em que vive.

## **Capítulo III- Intervenção Pedagógica**

### **3. 1. Metodologia de Investigação-Ação**

Os projetos de intervenção desenvolvidos nos contextos de estágio, foram suportados por ciclos de observação, planificação, ação e avaliação da ação, por isso aproximam-se da metodologia de investigação-ação.

Segundo Zuber-Skerrit (1996), “Fazer Investigação-Ação implica planear, atuar, observar e refletir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia-a-dia, no sentido de induzir melhorias nas práticas e um melhor conhecimento das práticas acerca das suas práticas” (citado por Coutinho et al., 2009,p. 363). Também Sanches (2005), apoia esta ideia, afirmando que esta metodologia potencia o trabalho do adulto, tornando-o mais consciente e potencializando a sua prática. Nas suas palavras a investigação-ação “pode desencadear profissionais mais reflexivos, mais intervenientes nos contextos em que se inserem e desencadeadores de práticas pertinentes, oportunas e adaptadas às situações com as quais trabalham” (p. 127).

Pode-se refletir então, que na metodologia de investigação-ação, o educador assume-se como investigador , que recolhe e analisa informações, levando-o a investigar, pesquisar e refletir sobre a mesmas. Todas estas etapas permitem-lhe planear, agir e refletir, com o intuito de melhor a sua ação pedagógica.

Ao longo da minha intervenção, procurei de forma sistémica, observar, registar, documentar, planear e avaliar a minha ação. A observação foi a minha principal ferramenta para a recolha de dados, uma vez que, e como afirma Máximo-Esteves (2008), “permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” e ainda “ajuda a compreender os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as interações” (p. 87). Para além de observar, procurei tirar notas de campo, registo escritos de intervenções e fotográficos , pois como afirmam Gandini e Goldhaber (2002) “(...) a fim de poder examinar e refletir, é necessário que registemos o que vemos e ouvimos, elaborando registos significativos das nossas observações” (p. 152).

Com recurso à observação, nas primeiras semanas de intervenção, tentei conhecer os contextos, adotando uma postura de observador participante, o que me possibilitou conhecer o grupo, as rotinas, interesses, organização da sala, entre outros. Com os registos de observação que realizei,

suporte as planificações dos projetos desenvolvidos, pensado numa questão investigativa para cada um dos contextos e definindo um conjunto de objetivos que orientassem a minha ação.

No decorrer das intervenções e aquando do termino das mesmas, iniciava um período de reflexão, de forma a avaliar cada momento de ação, refletindo sobre os mesmos, de forma a perceber se os momentos eram ou não significativos para as crianças. Como ferramentas desta fase utilizei as produções e intervenções das crianças e as reflexões semanais. Para além disso, dialogava com a educadora cooperante no final de cada intervenção, para saber o feedback que a educadora tinha sobre a minha ação. Estas reflexões semanais e diálogos com as educadoras, foram importantes para reunir as informações necessárias para a avaliação dos projetos de intervenção.

Para além do mencionado até ao momento, tanto antes, como no decorrer de toda a minha intervenção, realizei várias leituras, de forma a elucidar-me acerca dos referenciais que sustentavam os conteúdos, conseguindo assim fundamentar a minha ação, levando a reflexão mais consciente das estratégias implementadas.

Toda a informação recolhida, através desta metodologia, foi o objeto de análise e interpretação que fundamentaram a prática. A organização, análise e interpretação das formas de registo mencionadas, constituíram o processo de avaliação dos projetos, que mostraram se os objetivos traçados inicialmente tinham sido ou não alcançados.

Pode-se refletir então que o principal objetivo da investigação-ação é a procura reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também, para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa mesma prática. (Coutinho et al., 2009, p. 360)

## **3.2. Projeto de Intervenção em Creche**

### **3.2.1. Tema e objetivos**

O projeto de intervenção em creche, foi pensado e desenvolvido, após o período de um mês de observação e interação com as crianças, que me possibilitou conhecer as mesmas, os seus

interesses, necessidades, e pensar de que forma poderia oferecer e proporcionar experiências de aprendizagens significativas para elas.

Após este período de observação, e em conversa com a educadora cooperante, decidi que o projeto se iria focar na exploração de materiais naturais e não estruturados, ligados à temática da quinta e dos seus animais, de forma que as crianças pudessem conhecer melhor o meio em que os animais viviam, os alimentos que consumiam e como se caracterizavam fisicamente.

Como já referi anteriormente, este tópico surgiu após o contacto com o contexto, no qual verifiquei que as crianças demonstravam algum receio e desconforto em explorar novos materiais. Perante isto, pensei de que forma poderia proporcionar algum tipo de experiência que lhes possibilitasse contactar com novos materiais sem que ficassem desconfortáveis. Com as observações que realizei constatei que as crianças tinham interesse pelos animais da quinta, pois durante o momento de brincadeira livre, procuravam os puzzles que tinham animais, jogavam a jogos de recriação dos animais, e durante a saída semanal do grupo, ao espaço “sujar-te” procuravam os brinquedos que fossem animais e tentavam reconstruir as suas habitações. Para além disso, a educadora já tinha abordado algumas questões relacionadas com este assunto, acabando por estruturar atividades de exploração sensorial em torno dos animais.

A questão de investigação identificada para este projeto foi : “Qual a importância das atividades sensoriais, para a construção de conhecimentos sobre o mundo natural que rodeia as crianças?”

Para este projeto, tracei ainda alguns objetivos orientadores da minha ação, tais como:

- Favorecer a exploração de materiais naturais com todos os sentidos;
- Enriquecer o espaço das crianças com materiais diversificados;
- Enriquecer as oportunidades de aprendizagem das crianças;

### **3.2.2 Descrição reflexiva da intervenção**

O projeto desenvolvido no contexto de creche, como já foi referido anteriormente, tinha como intenção apresentar objetos naturais e não estruturados às crianças, para que pudessem explorar e ampliar os conhecimentos sobre os animais, a sua alimentação, características, funções, entre outros.

As propostas de intervenção foram desenhadas para que esta exploração fosse feita em sala, introduzindo estes materiais e deixando-os para a livre exploração das crianças.

De seguida, são descritas e analisadas algumas das atividades do projeto de intervenção.

#### ❖ **Atividade –“Alimentação dos animais e as flores silvestres”**

A atividade da alimentação dos animais e flores silvestres desafiava as crianças a explorarem elementos que faziam parte da alimentação dos animais selecionados, nomeadamente, o milho para a galinha, a erva para a ovelha, o feno para o cavalo e as barbas de milho para a vaca, e ainda tinham a oportunidade de explorar um conjunto de flores silvestres que se encontravam no mesmo ambiente que os animais. Para além dos elementos naturais, para esta atividade foi utilizado um livro, sobre animais da quinta, que continha várias ilustrações representativas do dia a dia destes animais no seu habitat.



Figura 4- Material utilizado durante a atividade

Estas atividades davam primazia à exploração sensorial de elementos naturais, de uma forma lúdica e divertida. As crianças são exploradoras natas, sendo importante apresentar-lhes elementos distintos aos existentes em sala, para amplificar esta capacidade de exploração e proporcionar-lhes novas experiências e aprendizagens. (Post&Hohmann, 2003, pp114-115)

As crianças nesta atividade puderam desenvolver o sentido do tato, explorando cada elemento, uma vez que as texturas eram diferentes, mas também o sentido do olfato, cheirando as flores, a erva, as barbas-de-milho; o sentido da visão, observando as diferenças entre cada elemento, as cores de cada um, as características de cada flor. Podemos então afirmar que, esta atividade promoveu a exploração sensorial de vários elementos naturais, uma vez que as crianças utilizaram os seus sentidos durante a exploração dos mesmos.

Para além da possibilidade de manipularem novos materiais e descobrirem um pouco mais sobre os animais, estas atividades foram desenvolvidas em forma de jogo, pois as crianças tinham de alimentar os animais, tornando-se num momento lúdico, em que as crianças se puderam divertir, partilhar as suas opiniões, e quando deixei o material à sua disposição, começaram a fazer jogos de faz-de-conta, criando momentos de ação com os materiais.

Com a realização desta atividade as crianças tiveram oportunidade de realizar várias experiências-chave High/Scope, tais como: explorarem objetos, uma vez que, as crianças puderem explorar objetos com as mãos, pés, olhos e nariz; desenvolverem o sentido de si próprio, ao explorarem os elementos por si próprias e expressar iniciativa na realização das atividades; houveram momentos que possibilitaram várias situações de comunicação e aumento de léxico, como por exemplo, durante a exploração do livro e das ilustrações do mesmo criaram-se vários momentos de diálogo em que o grupo pode expressar a sua opinião, comentar livremente o que ia vendo e aprender novas palavras; foi ainda possível que as crianças movimentassem e manipulassem objetos , repetissem ações como encher e esvaziar, vivenciando experiência relacionadas com o tempo, espaço e movimento. (Post&Hohmann, 2003, p.39)



Figura 5- Momento de leitura do livro: "Os animais da quinta"

A atividade iniciou-se com a exploração do livro "Os animais da Quinta", livro de autoria francesa, traduzido por Matilde Castro e Solla e publicado pela Dom Quixote, que se caracteriza por ser um livro desdobrável, que conta como é o dia-a-dia de uma quinta. Este livro captou de imediato a atenção das crianças, por ser desdobrável e bastante ilustrado. Ao longo da leitura, as crianças iam fazendo várias apreciações da obra, nomeadamente das ilustrações, dos animais e vocalizando os sons dos mesmos.

Após a exploração do livro apresentei às crianças a caixa com as imagens dos animais e os respetivos elementos da sua alimentação. Começamos por identificar os animais que estavam representados e os alimentos que estavam junto de cada um. As crianças identificaram muito bem a erva e o milho, mas o feno e as barbas de milho não conheciam e eu aproveitei o livro aberto e mostrei-lhes no mesmo cada elemento e eles identificaram o animal que comia cada um deles. Durante a exploração do livro fiz alguns registos de observação que partilho em seguida:

C.: “Está ali a vaca”; “olha os patos no lago”; “os porquinhos estão na lama”

R.: “Esta ali uma árvore com maçãs, a minha avó tem maçãs em casa”, “o cavalo está sozinho”, “olha ali um gato”

M.M.: “olha a vaca”, “olha a vaca bebe”, “ali estão as galinhas”, “olha o cavalo”, “tá ali cão”

Após identificarmos os animais e os elementos, dei uma amostra de milho, feno, erva e barbas de milho a cada criança, para que pudessem sentir cada um e dizerem-me o que achavam dos mesmos. Neste momento da atividade anotei os seguintes registos de observações:

L.: (segurando o milho e a erva)” o milho é duro, a erva é fofa e faz cócegas”

M.C.: “Os meus avós têm animais em casa e já dei milho às galinhas”, “os cavalos comem isto?(segurando o feno) parece um pau, mas é mole”

M.M.: “o milho é muito duro e pequeno”, “ as barbas cheiram mal”, “ a erva cheira muito bem e é comprida”, “ feno é duro, mas não é como o milho”

C.: “eu não gosto do cheiro” (segurando o feno)

Após ouvir os comentários e ideias de cada criança fui pedindo a uma de cada vez que viesse “alimentar” o animal, com o seu respetivo alimento. Algumas crianças voluntariaram-se de imediato, e começaram a colocar cada alimento na boca do respetivo animal. Todas as crianças se envolveram na atividade, algumas experimentaram apenas uma vez, regressando ao lugar em seguida, as outras quiseram continuar a explorar e a repetir brincadeira de alimentar os animais. No fim de explorarem e de brincarem entre si com os materiais, sentei-me com as crianças uma última vez para recolher as últimas ideias deles e para perceber se queriam partilhar algo mais sobre a atividade, recolhendo algumas apreciações, tais como:

F: “o que gostei mais foi do cavalo, era mais fácil”

M.M.: “o milho estava sempre a cair ao chão”

C.: “Eu gostei de dar o milho à galinha e a erva à vaca”

Aproveitando as ilustrações do livro identificamos várias flores do campo, e comparamos com as que tinha trazidos para a sala, e as crianças puderam experienciar diferentes texturas e cheiros. As flores trazidas estavam dentro de uma caixa mistério, com quatro janelas, em que cada janela tinha um conjunto de flores diferentes. As flores que encontrávamos eram: margaridas; hortelã; rabos de coelho; malmequeres; funcho; alfazema. Cada flor tinha uma forma, textura e cheiro diferente, de maneira a possibilitar que as crianças experienciassem diferentes texturas e aromas.

Coloquei a caixa em frente às crianças, o que suscitou a curiosidade delas para saberem o que estava dentro da mesma. Pedia a uma de cada vez que abrisse uma janela da caixa e tirasse uma flor de dentro. À medida que iam tirando, pedia-lhes para cheirarem a flor e para descreverem a mesma. As reações foram muito positivas, as crianças, assim que tinham a sua flor, cheiravam, sentiam as suas pétalas e procuravam mostrá-la a todos as crianças e adultos. Como cada um tinha uma diferente, começavam a descrever a sua flor ao colega ao lado.

Com este momento as crianças puderam descobrir novas flores, novos cheiros e novas texturas, havendo uma exploração de elementos naturais, através dos sentidos das crianças. Os materiais que optei por levar para a sala, apresentavam diferentes texturas, aromas e formas, possibilitando que as crianças os explorassem com todos os seus sentidos. A apresentação destes elementos, tinha como objetivo que as crianças se desviassem a si próprias na exploração de elementos naturais diversificados, possibilitando assim o contacto com diversas texturas e aromas que fazem parte da quinta, mais concretamente da natureza.

Segundo Post&Hohmann (2003),

Dar uma grande variedade de materiais versáteis a bebés e crianças de tenra idade, como sejam um conjunto de blocos ou um cesto de contas, faz com que eles explorem e manipulem materiais de formas pessoalmente significativas e adequadas ao seu nível de desenvolvimento individual. (p.115)

Todas as atividades foram realizadas com o meu apoio e com o da educadora e auxiliares da sala, de forma a transmitir às crianças segurança e conforto na sua exploração, pois as crianças “...precisam de um ambiente dinâmico, com pessoas, materiais e objetos que proporcionem os desafios que procuram quando estão prontos para tal” (Post&Hohmann, 2003, p.114)



Figura 6 -Exploração dos materiais por parte das crianças

#### ❖ **Atividade – “Porquê que as vacas dão leite?”**

De forma a dar continuidade às atividades realizadas anteriormente, em que tínhamos falado da vaca, nomeadamente da sua alimentação e habitat, e em que notei o interesse destas crianças pelo animal, propus uma atividade que daria a conhecer um pouco mais sobre ele às crianças.



Figura 7- Material utilizado para a realização da atividade

Esta atividade, tal como as realizadas até ao momento, potenciavam a vivência de experiências-chave, segundo o modelo High-Scope, mais concretamente, a possibilidade de explorar objetos, através dos sentidos do tato, paladar, visão; possibilitava que as crianças explorassem sozinhas os materiais, desenvolvendo o sentido de si próprio; ao explorarem o livro e as respetivas imagens, participavam em momentos de diálogo, ou seja, participar na comunicação dar-e-receber, vivenciando assim experiências relacionadas com a comunicação e linguagem, (Post&Hohmann, 2003, p.39).

Para a realização desta atividade houve a leitura da obra “A quinta: Porque é que as vacas dão leite?”. Neste livro encontramos várias perguntas sobre as quintas e os serviços que nela encontramos, em que as respostas surgem em forma de imagens e pequenos textos. Para além do livro, exploramos uma representação de uma vaca leiteira, e as crianças no final ordenharam a vaca.

Começamos por explorar o livro, tentando responder às perguntas que iam aparecendo e dialogando sobre as mesmas. Quando surgiu a pergunta “Porquê que as vacas dão leite?”, perguntei às crianças se sabiam a origem do leite e algumas crianças sabiam e partilharam com o grupo, mas a maior parte ficou admirada quando descobriu que vinha da vaca. No decorrer da leitura, procurei registar algumas intervenções que as crianças iam realizando, como mostro em seguida:

M.C.: “O leite vem das vacas, eu sei, porque o meu avô tem vacas em casa e eu já bebi leite de uma vaca.”

C.:” Eu sei também que é das vacas, a minha mãe já me disse”

L.: “O leite da vaca não é para o seu bebé?”

Estagiária: “ Também é L. mas não só, nos humanos também podemos beber desse leite, não nos faz mal”

T: “ A minha mãe compra na loja o leite, não é da vaca”

Estagiária: “É verdade T. nós quando vamos às compras, compramos o leite, mas antes de chegar ao supermercado ele vem de uma quinta, em que os agricultores lhes retiram o leite, e vendem aos supermercados, como vemos aqui no livro”

Aproveitando a intervenção da L., coloquei a montagem que tinha trazido para a sala, para as crianças poderem explorar e experimentar uma situação semelhante à realidade. Neste momento, todos quiseram experimentar, mas alguns com receio de tocar na luva cheia com o leite, mas quando começaram a ver o leite a sair, começaram a querer continuar a brincadeira e até provar o leite, para verem se era mesmo.

Analisando os vários momentos ocorridos, reflito que a atividade não foi tão enriquecedora para as crianças como o previsto, mas devido à minha inexperiência de aproveitar as intervenções das

crianças para desenvolver os momentos de aprendizagem, esta atividade ficou um pouco aquém do esperado.



Figura 8- Exploração dos materiais pelas crianças

#### ❖ **Atividade- “Vamos revestir os animais!”**

Esta proposta consistia em explorar materiais semelhantes ao pelo dos animais, de maneira a poderem contactar com diferentes texturas. Os materiais levados para a sala foram: a lã da ovelha, as penas das galinhas, e o pelo da vaca.

Esta atividade pretendia desafiar as crianças a explorarem diferentes texturas utilizando diversos sentidos. As atividades sensoriais devem desafiar as crianças a utilizarem os diferentes sentidos para descobrirem novos objetos e a sua utilidade, de forma a proporcionarem um desenvolvimento positivo das mesmas.

Para que esta atividade fosse o mais completa e proveitosa para a exploração das crianças, comecei por reunir as crianças em grande grupo, no tapete, e mostrei-lhes um livro que tinha trazido que apenas continha ilustrações de elementos da quinta, imagens reais. Optei pelo livro, porque a oferta de imagens que este continha era grande e diversificada e assim, as crianças no final da atividade poderiam explorar o mesmo. No entanto, criei uns cartões, com a imagem dos animais e ao lado tinha o seu respetivo revestimento dos animais, mas só mostrei estes cartões no fim de explorarmos o livro. Após explorarmos o livro e nomearmos cada animal que tínhamos falado ao longo das atividades, distribuí por cada criança uma amostra dos elementos que tinha levado para a sala e coloquei os cartões em frente para eles conhecerem e explorarem o revestimento de cada animal.

O momento da exploração foi bastante divertido, porque as crianças ao explorarem as penas, aperceberam-se que estas faziam cócegas e começaram a brincar uns com os outros com as penas. Neste momento fui retirando algumas anotações do que observava, como apresento em seguida:

**Nota de campo 1:** “ O M.M é o primeiro a pegar numa pena e começa por observar a mesma com atenção, passando-a de mão para mão e pelo pescoço. Ao passar pelo pescoço ri-se involuntariamente, dando a entender que a pena lhe fez cócegas. Em seguida comenta em voz alto “faz muitas cócegas” e começa a passar a pena pelo pescoço dos colegas, desencadeando uma brincadeira entre os colegas que pegam todos numa pena e começam a fazer cócegas uns aos outros.”

**Nota de campo 2:** “ Ao passar a amostra de tecido com o padrão da vaca, a L. começa a passá-la pela cara e diz que é macia, e em seguida, começa a colocar a amostra em cima da cabeça e diz que é um novo chapéu, pegando logo noutra bocado e tenta fazer uma pulseira com a amostra e pediu-me ajuda para prender a mesma.”

Após deixar as crianças explorarem as amostras e quando notei que já não queriam continuar com aquela atividade, propus-lhes criarmos as nossas próprias ovelhas com a lã que tinha levado. Esta atividade foi desenvolvida em pequenos grupos, e houve momento de corte e colagem. Este momento foi pensado antes da intervenção, pois tinha pensado dinamizar um pouco o momento de exploração dos materiais, através de um momento ligado às artes plásticas, uma vez que as crianças apreciavam este tipo de trabalhos. Apesar de não ter surgido de nenhuma intervenção ou observação realizada, este momento foi bem recebido pelas crianças, pois puderam dar azos à sua imaginação na montagem das suas ovelhas, e brincaram um pouco mais com as lãs.



Figura 9- Atividade de colagem realizada com as crianças

### **3.2.3. Análise geral do projeto**

Durante o desenvolvimento do projeto em creche e da sua respetiva concretização deparei-me com alguns obstáculos, mas posso concluir que os objetivos traçados para o mesmo foram concretizados.

Este projeto, foi o primeiro projeto de intervenção pedagógica que realizei e por esse motivo, tive algumas dificuldades em conseguir delinear um projeto que, para além de se focar nos interesses das crianças, as integrasse na planificação do mesmo. As observações realizadas durante as primeiras semanas de intervenção possibilitaram-me conhecer o grupo e identificar os seus principais interesses e a partir daí, criar momentos de exploração lúdicos que fossem ao encontro dos objetivos que tinha traçado como orientadores do projeto.

A maior dificuldade que senti neste projeto foi a gestão do tempo de intervenção pois tinha de gerir as minhas intervenções com o plano curricular da educadora e por vezes era complicado intervir nos momentos pretendidos. Como não consegui organizar os momentos de intervenção da melhor forma, não consegui realizar o número de atividades pretendidas, acabando pelo projeto ter sido pobre nos momentos de intervenção, apesar das atividades realizadas, terem alcançado os objetivos traçados para o projeto, como explícito em seguida.

A avaliação do projeto permite-nos constatar que os objetivos inicialmente proposto foram alcançados, pois foram introduzidos na sala materiais naturais, nomeadamente, a o milho, a erva, a palha, as barbas de milho e as flores silvestres, alcançando assim o primeiro objetivo do projeto. Todas as atividades realizadas possibilitavam que as crianças, através dos seus sentidos, explorassem os materiais e construíssem aprendizagens sobre o meio natural que as rodeia, enriquecendo os seus momentos de aprendizagem.

As crianças, como nos dizem Post&Hohmann (2003), são explorados natos, que constroem os seus conhecimentos sobre o mundo que os rodeia utilizando os seus sentidos, sendo por isso fundamental que no decorrer do dia a dia em creche, os educadores providenciem oportunidades e experiências de aprendizagem que lhes possibilitem essa exploração do mundo. Esses momentos devem acompanhar os interesses das crianças, para se conseguir despertar o seu interesse e para as motivar a explorar novos materiais. Quanto mais próximas do real as atividades forem, mais completas

serão as aprendizagens das crianças e o desejo de continuar a conhecer o mundo também irá crescer.

Deve-se então, segundo esta perspectiva, desenvolver momentos de exploração do mundo que rodeia as crianças, durante o dia a dia das mesmas, mas tendo sempre em conta, os seus interesses e necessidades, para que desenvolvam vontade de continuar a conhecer o meio que as rodeia.

No que diz respeito à questão investigativa do projeto, que era : “Qual a importância das atividades sensoriais, no dia a dia da creche, para a construção de conhecimentos sobre o mundo natural que rodeia as crianças?”, com base na investigação realizada para este projeto, retirei algumas conclusões, que irei abordar em seguida.

As crianças quando exploram os materiais com o próprio corpo, como quando alimentamos os animais ou exploramos as flores selvagens, mostram-se mais empolgadas e com vontade de explorarem os objetos, e acabam por partilhar momentos que viveram com o grupo em situações semelhantes, como por exemplo:

- *L.: (segurando o milho e a erva)” o milho é duro, a erva é fofa e faz cócegas” /*
- *M.C.: “Os meus avós têm animais em casa e já dei milho às galinhas”, “os cavalos comem isto?(segurando o feno) parece um pau, mas é mole” )*
- *(R.: “Esta ali uma árvore com maçãs, a minha avó tem maçãs em casa”, “o cavalo está sozinho”, “olha ali um gato”)*

Este projeto, apesar das lacunas que teve, possibilitou que as crianças contactassem com novos materiais e tivessem novas experiências sensoriais, como podemos comprovar, mas intervenções registadas:

- *(” o milho é duro, a erva é fofa e faz cócegas”)*
- *(M.M.: “o milho é muito duro e pequeno”, “ as barbas cheiram mal”, “ a erva cheira muito bem e é comprida”, “ feno é duro, mas não é como o milho”/ C.: “eu não gosto do cheiro” (segurando o feno))*

Pode-se então concluir que as atividade de cariz sensorial são importantes para as crianças conhecerem o mundo natural, pois ao contactarem diretamente com os elementos naturais, constroem novos conhecimentos e opiniões sobre os mesmos.

### **3.3. Projeto de intervenção em jardim-de-infância**

#### **3.3.1. Temas e Objetivos**

O projeto de intervenção em jardim-de-infância, surgiu segundo o plano curricular de sala, tendo sido abordado o tema da cidade e dos seus serviços, e a vantagem de se trabalhar com mapas em idade pré-escolar. A pertinência deste tema deve-se à sua importância para a construção da identidade pessoal da criança, sendo uma parte importante para o conhecimento do meio social que a rodeia, bem como, o que lhe está acessível. O tema foi desenvolvido com o apoio da educadora cooperante, procurando envolver as crianças, sempre que possível, nas decisões e ideias para as atividades.

Este projeto envolveu diversas áreas de conteúdo, focando-se especialmente na área do conhecimento do mundo, que sensibiliza as crianças para questões relacionadas com as ciências naturais e sociais. Mas todas as restantes áreas foram importantes na construção de significados relativos ao tema que estava a ser abordado.

Como referi anteriormente, este projeto pretendeu apresentar a cidade às crianças, nomeadamente o tipo de serviços que estavam à disposição da sua comunidade, tais como, os hospitais, posto da polícia, biblioteca..., com o objetivo de construírem novos conhecimentos sobre eles, sobre o que se pode encontrar e fazer em cada um. O segundo ponto que pretende abordar é a utilidade dos mapas na nossa vida quotidiana e o compreender o porquê da sua utilização.

Delinee para este projeto, um conjunto de objetivos orientadores da minha ação e uma questão geral de investigação, tendo sido ela: “Como promover a construção de conhecimentos sobre a cidade e os seus serviços no contexto do jardim de infância?”

Os principais objetivos traçados para o projeto desenvolvido neste contexto foram:

- Proporcionar às crianças experiências que lhes possibilitem conhecer a sua cidade e perceber o que ela lhes oferece;
- Promover o conhecimento dos diferentes serviços que facilitam as vidas das pessoas numa comunidade (ex.: hospital, polícias, bombeiros, câmara municipal, biblioteca municipal, mercado municipal);
- Promover a compreensão acerca da utilização de mapas;

### **3.3.2. Descrição reflexiva da intervenção**

O projeto de intervenção em jardim-de-infância foi desenvolvido segundo o projeto curricular de sala, focando-se no tema da cidade e dos seus serviços. Foram desenhadas várias propostas de intervenção que interligam as diversas áreas de conteúdo definidas para a educação pré-escolar. De entre as várias atividades implementadas, irei apresentar neste projeto as que se mostraram mais significativas para as crianças e as que alcançaram os objetivos delineados previamente. As atividades selecionadas foram: a criação de mapas; a visita à cidade; o teatro interativo e a maquete da cidade.

#### **❖ Primeira atividade- “Apresentação e construção de mapas simples”**

As duas primeiras atividades de intervenção que realizei no contexto de jardim-de-infância focaram-se em apresentar às crianças mapas simples e descobrir a sua utilidade. Para isso, construímos mapas dos espaços que as crianças conheciam no jardim de escola. Esta atividade surgiu com uma observação realizada no contexto, a qual exponho em seguida:

**Observação diária:** “Quando cheguei à sala reparei num mapa em exposição na sala, com vários animais espalhados pelo globo, e comecei a perguntar às crianças quando tinham feito aquela atividade. Contaram-me que tinha sido no dia anterior de tarde, com a ajuda da educadora. Perguntei-lhes se sabiam como se chamava o que tinham criado e porquê que os animais que estavam colados todos afastados. As crianças não sabiam, e disse-lhes que era uma mapa do mundo e que os animais estavam no país onde viviam”

Com esta atividade pretendia que as crianças conhecessem os diferentes tipos de mapa que existem e para quê que são normalmente utilizados no dia-a-dia das pessoas.

Para a realização desta atividade, comecei por reunir as crianças em grande grupo e exploramos o mapa que tinha levado para a sala (mapa de Portugal). Iniciamos um diálogo sobre o mesmo, havendo algumas crianças que sabiam identificar que era um mapa, e em seguida questionei “E o que é um mapa?” e obtive as seguintes respostas:

#### **1º Diálogo com as crianças**

- **A:** “Um chinês, um dinoussauro.”
- **C:** “Um mapa mostra-nos o tesouro”
- **D:** “É uma coisa para ver o caminho”
- **L:** “Temos de ver o mapa para vermos um caminho”
- **I:** “É um papel”

Depois de ouvir as crianças, fiz uma nova questão: “Onde podemos encontrar ou utilizar mapas?”, ao que obtive as seguintes respostas:

## 2º Diálogo com as crianças

- **A:** “Na televisão”
- **C:** “No telemóvel”
- **I:** “Mapas nos carros”
- **B:** “Gps”
- **P:** “Mapa dos tesouros”
- **M:** “Mapas das pontes”

Neste momento conservamos um pouco mais sobre os mapas. Descobrimos que existem vários tipos de mapas, uns maiores outros mais pequenos; uns que nos mostram um caminho, quando estamos perdidos e não sabemos voltar para casa e outros que nos mostram onde está um tesouro; descobrimos também que existem mapas em papel e eletrónicos que vemos no telemóvel ou num GPS como tinham referido as crianças.

Depois dos vários momentos de partilha com as crianças, propus-lhes criarmos um mapa da sala e do colégio. Comecei por mostrar as imagens das áreas e pedi para as crianças identificarem cada uma. Em seguida, fomos localizando cada área a partir do local onde estávamos. Fui pedindo a uma criança de cada vez que colocasse no nosso mapa a imagem, consoante o local que achava que a imagem se localizava, ajudando-as e introduzindo termos de localização, como direita, esquerda, frente, trás, entre outros. Apesar de ser só uma criança a colar a imagem, todas ajudaram a dar indicações. Quando colocamos as imagens, utilizamos o nosso mapa e seguimos o caminho que nos indicava pela sala, até chegarmos à porta, onde começamos o segundo mapa do colégio. Para a realização deste segundo mapa, formamos um comboio, e fomos percorrendo os corredores da instituição.

### 3º Diálogo com as crianças

**Estagiária:** Ora muito bem, se virarmos á direita (estendendo o braço e movendo a cabeça para a direita), qual destas imagens vamos ver?

**B:** O corredor com as mochilas.

**Estagiária:** Muito bem B, se a primeira coisa que encontramos é o corredor, podes colar aqui a foto no nosso mapa. Vamos então andar pelo corredor... E agora se olharmos em frente o que vemos?

**T, A, C:** O polivalente.

**I:** E as escadas para o dormitório.

**Estagiária:** Exatamente, temos o polivalente, o que fazem aqui?

**A:** Vemos filmes de manhã.

**D:** Brincamos à tarde.

**Estagiária:** Muito bem, podemos realizar várias atividades aqui no polivalente. E agora se nos virarmos para trás, o que vamos ver?

**B:** O corredor outra vez e a sala.

**Estagiária:** Isso mesmo B, vamos então caminhar até à nossa sala novamente, mas agora em vez de virarmos à direita, vamos virar à esquerda. O que vamos ver?

**L:** A sala dos três anos.

**B:** E a entrada.

**Estagiária:** Antes de chegarmos à entrada, vamos passar pela sala dos 3 anos, como disse a L, através de um novo corredor. (Percorrendo o corredor, até chegar ao cruzamento) Mas agora temos duas opções, se formos pela esquerda (apontando para o lado esquerdo) vamos ter onde?

**Crianças em coro:** Ao refeitório.

**Estagiária:** E o que fazemos nesse espaço?

**B:** Almoçamos e comemos o lanche.

**Estagiária:** Isso mesmo, o refeitório é o local na escola onde realizamos as nossas refeições. E se seguirmos pela direita, vamos ter onde?

**E:** Vamos ter à entrada.

**Estagiária:** Pois é, se seguirmos pela esquerda, vamos ter à entrada do colégio. E como podemos voltar para a sala?

**C:** Temos de voltar para trás e passar o corredor.

**Estagiária:** Muito bem C, vai então na frente com o mapa e mostra como chegamos à sala.

#### 4º Diálogo com as crianças

**Estagiária:** Então, nós criamos estes mapas e para quê que podem ser utilizados?

**B:** Pode ser para as pessoas verem o caminho na nossa sala.

**B:** E para verem o caminho para o refeitório.

**Estagiária:** E onde podemos por estes mapas para verem os caminhos?

**C:** Podemos por na parede para verem.

**Estagiária:** Boa ideia C, vou fixar na parede, para quando alguém novo visitar a nossa sala ou o colégio saiba os caminhos. E o quê que mais gostaram de fazer?

**P:** De andar pelo corredor e colar as imagens no mapa.

**E:** Eu gostei de visitar a entrada e a cantina.

Quando regressamos à sala, voltamos a sentarmo-nos em grande grupo e conversamos um pouco sobre os mapas que tínhamos criado e sobre o que tinham achado, como vemos no diálogo seguinte:

No decorrer da conversa com as crianças, foram referidas ideias relativas à direção/localização. Fomos utilizando termos como direita, esquerda, frente, trás, entre outros.



Figura 10 - Exemplo de um mapa criado por uma criança espontaneamente



Figura 11- Mapa criado com as crianças

## ❖ Segunda Atividade: “A minha cidade no Mapa”

A segunda atividade desenvolvida tinha como título “A minha cidade no Mapa”. Para esta atividade utilizei várias imagens da cidade e dos seus serviços, um mapa de Portugal com a nossa cidade salientada e um mapa só da cidade. Pretendi com esta atividade, dar continuidade ao tema anterior, utilizando os mapas como ferramenta de orientação e localização.

A atividade foi toda realizada através do diálogo e das partilhas que as crianças iam fazendo sobre as suas experiências fora da instituição. O tempo de diálogo em grande grupo é bastante importante para conhecer a crianças, as suas ideias, opiniões, gostos e interesses. Para além disso, os diálogos em grande grupo desenvolvem competências sociais importantes, que ajudam na construção da autonomia de cada criança e fazem-na sentir parte do processo educativo.

“A construção da autonomia não passa apenas pela participação na organização social do grupo, mas está também presente no desenvolvimento do processo de aprendizagem, em que as crianças escolhem o que querem fazer, fazem propostas e colaboram nas propostas do/a educador/a e das outras crianças, cooperam na elaboração de projetos comuns, sendo assim envolvidas no planeamento e na avaliação da aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p.37)

Como referido anteriormente, atividade foi realizada essencialmente através do diálogo com as crianças. Através das partilhas que iam acontecendo durante os “bons-dias”, iam fazendo algumas perguntas, para perceber os conhecimentos que as crianças já possuíam e como poderia enriquecer as oportunidades de aprendizagem delas. Em seguida exponho um excerto do diálogo no momento de partilha em grande grupo.

### 5º Diálogo com as crianças

**Estagiária:** D, então tu foste ao parque este fim de semana, e sabes se o parque era aqui na nossa cidade ou era numa diferente?

**D:** Era o parque novo, a beira do colégio.

**Estagiária:** Aquele com um trampolim?

**D:** Sim, tem um trampolim, mas no chão.

**Estagiária:** Então foi na nossa cidade, na P\*\*\*\*de V\*\*\*\*. Vocês sabiam que a se chamava assim a cidade que vivemos?

**A:** Eu vivo em Portugal, a minha mãe disse-me.

**C:** Eu também vivo em Portugal.

Após as primeiras partilhas de ideias com as crianças sobre o país onde viviam, exploramos o primeiro mapa que tinha trazido, que representava Portugal e voltei a registar as intervenções das crianças sobre o material que estávamos a observar, como podemos comprovar em seguida:

### 6º Diálogo com as crianças

**Estagiária:** Sim nós vivemos todos em Portugal, é o nosso país, é o que vemos neste mapa.

**I:** Mas em vivo no V\*\*\*\* e jogo lá futebol.

**Estagiária:** Também é verdade, o nosso país é Portugal, mas ele tem muitas cidades diferentes, e nós vivemos numa chamada P\*\*\*\* de V\*\*\*\*, e tu l. jogas futebol no V\*\*\*\*, que é o clube de futebol da cidade.

**L:** Mas a minha mãe também me disse que é Portugal onde vivo.

**Estagiária** (enquanto mostra o mapa de Portugal, com a cidade destacada): Vamos ver este mapa então, este desenho todo é Portugal, mas vocês conseguem ver que tem formas pequenas, todas juntas, e esta aqui a cor diferente é a nossa cidade. Chama-se P\*\*\*\* de V\*\*\*\*.

No final de explorarmos o mapa de Portugal, observamos um mapa da cidade e com a ajuda da educadora localizamos o sítio aproximado em que cada criança vivia, escrevendo o nome das crianças nos respetivos locais. Com esta atividade pudemos proporcionar um momento de exploração de mapas simples, sendo este um dos objetivos do projeto e das aprendizagens a promover no âmbito da educação pré-escolar, pois tal como menciona Silva et al. (2016) a criança deve “Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples” (p. 83). Após exploramos a cidade no mapa, começamos a ver um conjunto de imagens da mesma, onde era possível reconhecer as praias, o colégio, o hospital, o posto da polícia, a biblioteca, o hospital, entre outros. Através desta exploração de imagens da cidade, notei que as crianças tinham interesse em visitar alguns locais, sugerindo-lhes realizar uma saída para conhecer os mesmo. De entre as várias possibilidades conversadas com as crianças, optaram por querer visitar a polícia, o hospital, a biblioteca municipal, a câmara municipal e o mercado municipal.

### **Diálogo 7**

**C:** Eu já fui ao hospital, mas não fui à polícia.

**I:** Eu já vi esse ( a apontar para a biblioteca) a ir para o futebol.

**J.M.:** Eu já fui com a minha mãe ao mercado, mas queria ir ver a polícia.

**Estagiária:** O que acham de irmos visitar estes locais? Podemos ir à polícia ou ao mercado? Quais é que preferem?

Com a realização desta atividade as crianças puderam conhecer um pouco melhor a cidade onde vivem e os serviços que nela existem. Foi possível assim dar resposta a um dos objetivos do projeto, que se focava na utilização de mapas simples, uma vez que, exploramos diferentes tipo de mapas.



Figura 12- Conjunto de mapas realizados com as crianças

### ❖ “Roteiro pela Cidade”

A atividade “roteiro pela cidade” consistiu numa visita guiada pela cidade, em que as crianças tiveram a oportunidade de explorar o espaço exterior, mais concretamente os serviços da cidade, através do contacto direto com esses espaços. A melhor forma que as crianças tinham para identificar e conhecer os espaços seria através da visita dos mesmos, e por isso propus esta atividade.

Esta atividade surgiu em seguimento das anteriores, em que as crianças tinham selecionado os locais que teriam interesse em conhecer. O roteiro foi o seguinte: colégio-biblioteca-hospital-polícia-mercado municipal-praça do Almada/câmara municipal da cidade. No decorrer da saída e à medida que íamos parando nos locais mencionados anteriormente, conversava com as crianças dando-lhes espaço para comentarem o que iam vendo e partilharem experiências sobre os locais, e ao mesmo tempo aproveitava para partilhar curiosidades sobre os mesmos.

A visita seguiu o roteiro em cima mencionado parando em todos os locais, mas, devido à Covid-19, apenas visitamos a Praça do Almada e a Câmara Municipal. A praça estava decorada com efeitos alusivos à época natalícia, incluindo uma árvore de Natal gigante. Esta árvore despertou de imediato a atenção das crianças, e optamos por entrar na mesma, e cantar músicas natalícias com as crianças. Depois de visitarmos a árvore, continuamos a caminhada pela praça, parando para observar as lojas em volta, as estátuas, os edifícios... Quando chegamos à entrada da câmara, tivemos a oportunidade de entrar e as crianças puderam observar as gravuras das paredes que representavam elementos importantes da cidade, e ainda tiramos uma fotografias na escadaria principal do edifício.

Com esta atividade foi possível responder ao objetivo de proporcionar experiências às crianças que fizessem com que conhecessem a sua cidade. Através dos diálogos (diálogo 8) que ia realizando

com as crianças ia percebendo os conhecimentos que possuíam sobre os locais que íamos visitando, e tentava intervir de forma a alargar os seus conhecimentos.

O plano inicial para esta atividade seria visitar o interior de todos os locais, falar com os trabalhadores, para que as crianças tivessem um contacto real com os serviços e as profissões de cada um, no entanto, e devido à pandemia, essa visita não foi possível, sendo que só visitamos o exterior dos mesmo, não tendo sido tão proveitosa para as crianças. Na educação pré-escolar é essencial explorar com as crianças questões sociais relacionadas com a própria criança e com os contextos que a rodeiam. Seguindo este ponto de vista, a atividade surgiu como uma apresentação da cidade às crianças, para que desenvolvessem conhecimentos sobre as características físicas, culturais e sociais da sua comunidade, mais concretamente, do seu local de residência. “O conhecimento das crianças sobre a paisagem local, ou seja, o reconhecimento dos seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação entre eles, contribui para melhorar a ligação afetiva e pessoal com esta, alicerçando a identidade local e o sentido de pertença a um lugar.” (Silva et. al, 2016, p.33) Em seguida irei apresentar os diálogos mais pertinentes realizados durante a visita:

### **8º Diálogo com as crianças:**

**Estagiária:** Estamos na nossa primeira paragem, vocês lembram-se o que era este edifício ?

**B:** É a biblioteca, eu já vim com a minha mãe.

**Estagiária:** A sério B? E o que fizeste aqui com a tua mãe?

**B:** Levei um livro para casa.

**Estagiária:** Muito bem, na biblioteca municipal podemos requisitar livros para levarmos para casa. O que acham que podemos fazer mais?

**B:** Ler livros.

**A:** Ver livros de dinossauros.

**E:** Exatamente, tal como na nossa área da biblioteca no colégio, aqui na biblioteca municipal, para além de podermos levar livros para casa, também podemos ler os livros lá dentro. E mais?

**D:** Eu acho que tem muitos livros lá dentro.

**Estagiária:** Sim temos muito livros, mas para além de lermos, podemos ouvir histórias.

#### **Continuamos a visita, parando na posto da polícia em seguida:**

Com os carros alusivos de polícia na entrada do posto, as crianças conseguiram identificar o local sem qualquer indicação.

**C:** Aqui é a polícia! Está ali dois carros.

**E:** Muito bem, e o que fazem os polícias?

**B:** Prendem os ladrões.

**D:** Se nos postarmos mal, a polícia leva-nos para a esquadra.

**E:** Mas acham que a polícia só prende ladrões?

**Crianças em coro:** Sim.

**Estagiária:** Os polícias para além de prenderem os ladrões e quem não cumpre as regras, também nos ajuda e garantir que estamos seguros na nossa cidade.

### **Diálogo com as crianças:**

Continuamos a visita e paramos em frente ao hospital.

**C:** Aqui é o hospital, eu já fui um vez, quando me doía a barriga.

**Estagiária:** Muito bem C, aqui de facto é o hospital, e quem é que trabalha aqui?

**A:** Os médicos, o meu pai tem um penso grande na perna.

**E:** Ele provavelmente magoou-se e veio aqui ao médico. E mais alguém?

**B:** As enfermeiras.

Continuamos a visita, sendo que a paragem seguinte foi o mercado municipal.

**Estagiária:** Este edifício aqui ao lado é o mercado municipal.

**J:** Eu já vim aqui com a minha mãe.

**Estagiária:** Diz nos o que viste e o que compraste J.

**J:** Eu vi peixe, flores, frutas e legumes e comprei carne.

**Estagiária:** Aqui neste espaço, como disse o J, podemos comprar diversas coisas, como carne, peixe, legumes, fruta, e ainda roupas, sapatos...

**J:** Eu não vi roupa, mas cheirava um bocado mal.

**Estagiária:** Era do peixe J, fica um cheiro estranho no ar.

**Estagiária:** Chegamos à câmara municipal e quem podemos encontrar aqui a trabalhar?

**B:** O presidente.

**Estagiária:** O presidente, muito bem, e o que ele faz?

**B:** Manda na cidade

**Estagiária:** E não só B, ele com a ajuda dos seus funcionários, ajuda a organizar a cidade, manda construir estradas, parques, e outras estruturas; o presidente tem várias funções, que permitem que a cidade funcione.

Durante a visita também tive a oportunidade de registar através de fotografias alguns momentos pertinentes, que marcaram a atividade, como irei apresentar em seguida:



Figura 13 - Roteiro pela cidade (imagem 1)



Figura 15 -Roteiro pela cidade (imagem 2)

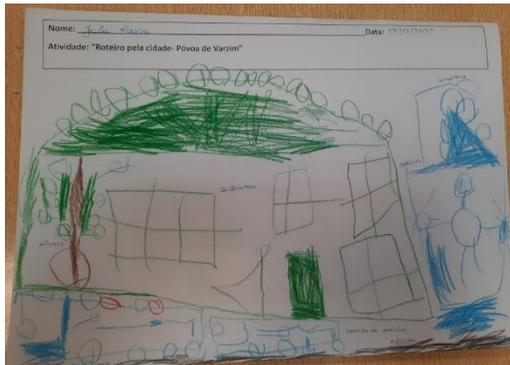


Figura 14 - Roteiro pela cidade (imagem 3)

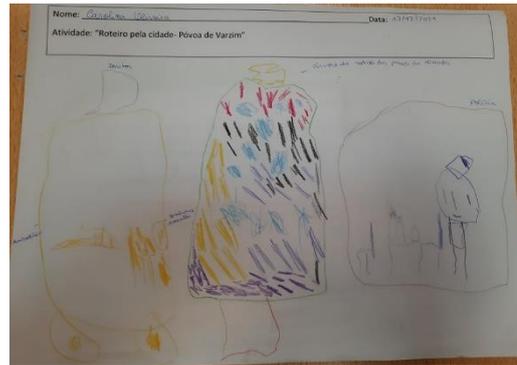
A segunda atividade que propus às crianças foi fazerem um desenho sobre a saída, em que representariam o que mais tinham gostado de ver durante o nosso roteiro pela cidade. Enquanto as crianças iam desenhando, conversava com elas para saber o que estavam a desenhar. Notei que muitas crianças não desenhavam apenas o que tinham visto, mas também acabavam por criar desenhos com personagens e ações que poderiam estar a decorrer nos locais que visitamos, por exemplo, a C desenhou uma ambulância que passou por nós e dentro tinha um doente deitado; a B desenhou o hospital e uma paciente à porta com um braço torcido; o J desenhou a biblioteca e via-se dentro da estruturas letras, que representavam os livros.

As representações artísticas das crianças, transmitem mensagens pedagógicas importantes, e é necessário enquanto as crianças realizam as suas reproduções, darmos-lhes oportunidade de falarem sobre as mesmas, apreciarem as suas criações e elogiarmos os seus trabalhos. (Silva et al, 2016, p.49)

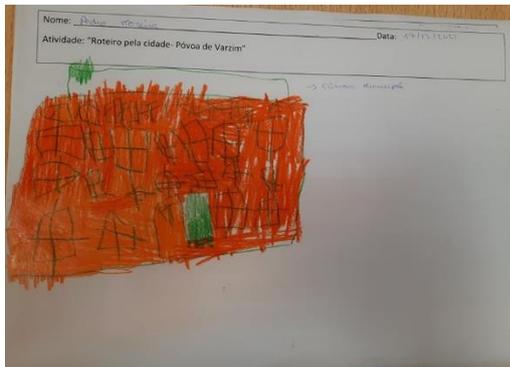
Em seguida irei expor algumas representações realizadas pelas crianças, juntamente com as respetivas explicações que fizeram sobre os seus trabalhos :



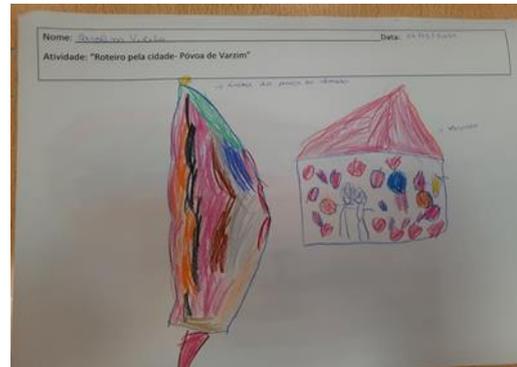
“eu desenhei a biblioteca, carros da polícia na estrada, e ali estão os semáforos”



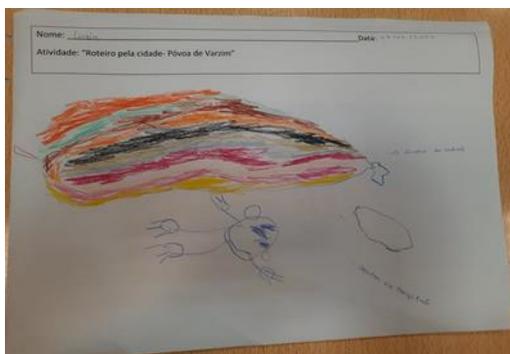
“eu desenhei a árvore de Natal, o polícia, e uma ambulância com um doente dentro”



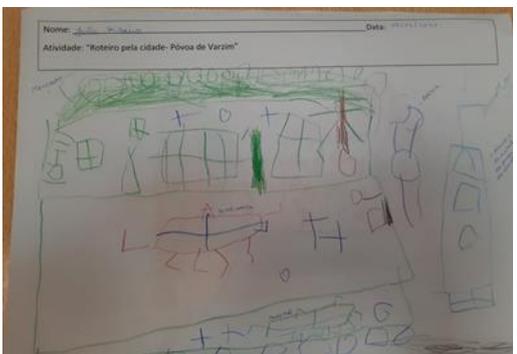
“eu desenhei a câmara municipal”



“eu desenhei a árvore da praça do Almada, e o mercado com pessoas às compras”



“eu desenhei a árvores de Natal e o doutor no hospital”



“eu desenhei o mercado, a biblioteca, o hospital, um polícia e a árvore de Natal”

## ❖ Teatro Interativo

A atividade que irei apresentar de seguida, surgiu na impossibilidade de visitar os interiores dos espaços durante o roteiro pela cidade, surgindo assim a ideia de recriar um cenário da cidade com fotos reais dos espaços, tanto do interior como do exterior dos mesmo, para que as crianças tivessem a oportunidade, de alguma forma, de conhecerem os locais que seriam mais importantes e que tinham escolhido anteriormente. Pensei numa atividade ligada à dramatização, pois já tinha observado a educadora a realizar com as crianças atividades deste género, e as crianças sempre se envolveram positivamente nelas. A narrativa foi se escrevendo no momento da ação, devido a não ter tido oportunidade de escrever antes com as crianças e desta forma, estas teriam um papel de destaque na atividade. Foi uma atividade desafiante, mas que resultou num divertido momento lúdico, em que as crianças se mostraram interessadas e divertidas.

Esta atividade enquadrou-se no domínio da educação artística, mais concretamente, no subdomínio do jogo dramático/teatro. O teatro não se define como a reprodução de peças já existente, mas sim, como uma ação de representar com intenção, em que as crianças participam com interesse e colaboram na criação das representações. (Silva et al., 2016, pp.51 e 52) Como esta atividade, não teve como personagens as crianças, considera-se um jogo dramático, uma vez que, houve a utilização de um objeto (neste caso, boneco-personagem). Este tipo de atividade “desempenha um papel importante no desenvolvimento emocional e social, na descoberta do mundo, no alargamento de formas de comunicação verbal e não verbal, na expressão de emoções (medo, surpresa, alegria, tristeza) (Silva et al, 2016, p. 52)

Tal como nas atividades anteriores realizei um registo escrito, fotográfico e nesta atividade, audiovisual também. No entanto, para este relatório apenas irei apresentar os diálogos mais pertinentes que ocorreram no decorrer da atividade e os registos fotográficos do cenário e de momentos posteriores à atividade, em que houve uma exploração voluntária das crianças ao cenário da narrativa.

Para a realização desta atividade, comecei por reunir as crianças em grande grupo no tapete, mostrando num primeiro momento o cenário e em seguida as personagens que faziam parte da atividade. Observei que as crianças através das vestimentas das personagens, conseguiram identificar cada profissão mesmo antes de eu dizer. No final de apresentar todas as personagens, voltamos a falar de cada uma, pedindo para as crianças os ajudassem a chegar aos destinos que cada um pretendia. Como referi anteriormente, a narrativa foi-se desenvolvendo no momento, uma vez que, era um diálogo

entre as personagens e as crianças, no entanto, criei um pequena introdução para guiar o desenrolar da ação, iniciando assim a encenação. O desenrolar da atividade foi guiado pelas crianças e pelas suas intervenções, deixando-as guiar cada momento da ação. Após cada personagem chegar ao seu local de destino, dialoguei um pouco com as crianças, sobre as profissões de cada personagem e onde trabalhavam, registrando as intervenções das crianças.

No final da atividade, coloquei o cenário e as personagens à disposição das crianças, para que pudessem explorar os mesmo. Observei que recriaram novos momentos de ação, mas mantiveram o nome e as profissões de cada personagem.

Em seguida irei apresentar os diálogos mais pertinentes ocorridos durante a realização desta atividade, assim como alguns momentos capturados no posterior da atividade.

### **Diálogo com as crianças:**

**Introdução:** “A Joana a caminho da escola encontrou estes passageiros perdidos na nossa cidade, mas lembrou-se que os tagarelas já tinham visitado a cidade e que podiam ajudar estes senhores a chegarem ao local onde trabalham.”

**Estagiária:** O primeiro passageiro é o presidente da câmara, vocês lembram-se onde trabalhava o presidente?

**Crianças em coro:** Sim.

**Estagiária:** Onde era?

**B:** Na câmara.

**E** (a apontar para o local no cenário): Está ali.

**Estagiária:** E o quê que faz o nosso presidente?

**T:** Ele é que manda.

**Estagiária:** Muito bem, ele manda na nossa cidade, mas não só, manda construir vários edifícios, ruas.... E agora precisa da vossa ajuda para encontrar o local onde vai ficar o presidente, onde está a câmara então?

As crianças apontaram todas para o local, gritando o nome do mesmo.

Em seguida, comecei um diálogo através da personagem, em que voltaram a referir as funções do presidente e mencionaram o que tinham visto na câmara.

(As personagens seguintes eram uma mãe e uma filha, que queriam fazer compras na cidade.)

**Estagiária:** Estas duas senhoras, gostavam de fazer umas compras na nossa cidade, onde é que elas podem ir?

**B:** Ao mercado

**Estagiária:** E o que acham que elas vão poder comprar lá?

**J:** Flores, fruta, peixe...

**B:** Flores e legumes

### 10º Diálogo com as crianças:

Em seguida, as personagens iniciaram um diálogo com as crianças, sobre o que poderiam comprar para fazer uma sopa, e as crianças foram sugerindo vários legumes; que frutas é que eles gostavam mais; e quais as suas comidas favoritas.

O autocarro seguiu viagem, sendo a paragem seguinte facilmente identificada pelas crianças, pois era a polícia.

**Estagiária(Utilizando a personagem):** “Olá tagarela, eu sou o polícia desta cidade...vocês sabem me dizer o que faço por aqui?”

**B:** Prendes os vilões.

**I:** Levas o ladrões presos.

**Estagiária:** Isso mesmo. E polícia também anda na cidade a garantir a nossa segurança.

**B:** E a polícia faz cumprir as regras de segurança.

**Estagiária:** A polícia também nos ajuda a encontrar objetos que perdemos ou se nós nos perdemos eles ajudam-nos a procurar o que perdemos.

**B:** A minha mãe hoje não encontrava as chaves do carro.

Continuou a viagem, e a próxima personagem era a bibliotecária.

**Estagiária:** O quê que esta passageira traz na mão?

**Crianças em coro:** Um livro.

**Estagiária:** Se ela traz um livro consigo, para onde acham que era vai?

Crianças em coro: Para a biblioteca.

**Estagiária (utilizando a personagem):** Olá tagarelas, eu sou a bibliotecária, digam-me lá o que podemos fazer na biblioteca?

**Crianças em coro:** Ler livros.

**E:** E mais?

**J:** Pegar livros e levar para casa.

**Estagiária:** Muito bem João. Podemos requisitar livros e levá-los para nossa casa e depois devolvem.

**E:** Eu já fui com o meu irmão, e ele trouxe um livro, mas não devolveu, porque ainda não leu.

### 11º Diálogo com as crianças:

Continuou a viagem, e o último passageiro era um médico. As crianças identificaram a personagem através da sua caracterização.

**Estagiária:** Porquê que acham que o médico vai para o hospital?

**B:** Para tratar dos pacientes.

**J:** A minha mãe bateu com o carro e foi ao hospital.

**Estagiária(utilizando a personagem):** Vocês já visitaram o hospital?

**Crianças em coro:** Sim.

**Estagiária:** E quando é que vamos aos hospitais?

**J:** Quando estamos doentes.

Fazendo uma retrospectiva desta atividade, assumo que deveria ter optado por criar o cenário juntamente com as crianças, de forma a centrar a atividade mais nas crianças, e poderia ter pedido que no final, fossem elas a contar ou recriar uma história sozinhas para todo o grupo, com as personagens e o cenário. Como alteração desta proposta, propunha a realização conjunta dos cenários, fantoches e enredo.

✚ Registo fotográfico da atividade:



Figura 16- Cenário da atividade



Figura 17- Momento de exploração livre do cenário

### ❖ **“Maquete da cidade**

A última atividade que propus ao grupo, no âmbito do projeto de intervenção, foi a construção de uma maquete da cidade, que incluiu as instituições que tinham visitado e conhecido ao longo de todo o projeto e alguns elementos característicos das cidades, como ruas, passadeiras, automóveis, prédios... Para a construção da mesma, pedi às crianças que trouxessem materiais reutilizáveis de casa, para de alguma forma englobar as famílias na realização da atividade. Desafiei as crianças com uma atividade da área da plástica, uma vez que, esta área era bastante procurada pelas crianças no tempo de brincadeira livre e também, as atividades realizadas pela educadora, englobavam muitas atividades plásticas e notei sempre um grande interesse e satisfação das crianças na realização das mesmas. Como objetivo para esta atividade tinha estabelecido: identificar os elementos característicos das cidades (instituições, ruas, elementos naturais, elementos físicos); autonomia na construção dos elementos da maquete; desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.

Esta atividade, enquadrou-se na área das artes visuais, tendo juntado um conjunto diverso de atividades desta área, na mesma atividade. Houve momentos de corte, pintura e colagem, considerando que foi uma atividade bastante completa. Este subdomínio é importantíssimo para as crianças, uma vez que, lhes permiti expressarem os seus gostos, interesses e vivências através da pintura e do desenho. As crianças em idade pré-escolar devem ser confrontadas com diversas atividades artísticas que lhes possibilitem contactar com diversos materiais, de maneira a conseguirem desenvolver experiências que lhes ajudem no seu crescimento intelectual. O educador assume o papel de poder possibilitar este contacto com materiais, que desafiem as crianças “de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação”. (Silva et al., 2016, p.49)

Para a realização desta atividade, comecei por distribuir as caixas, rolos, cola, tintas e pinceis pelas crianças, pedindo para cada uma escolher o que queria pintar e as cores que queria utilizar. No início fui ajudando as crianças a colarem as caixas de forma a montarem as instituições. Na hora da pintura dei liberdade a cada criança de pintar com as cores que pretendiam os seus objetos, pois achei que se poderia criar uma cidade ao

gosto delas, sem seguir os padrões tradicionais de cores, dando asas à imaginação de cada uma.

Após todos os elementos estarem pintados (edifícios da cidade, árvores e carros) e secos, começamos a montar a maquete, tendo pedido a cada criança que escolhesse o local onde queria colocar o seu objeto, colando o mesmo no local pretendido. No final de tudo montado, perguntei ao grupo o que poderíamos encontrar na nossa cidade e o que gostavam mais nela, tendo obtido as seguintes respostas: “Eu gostei de pintar os carros, e o azul é o meu preferido”; “Esta caixa é a biblioteca e ali está a polícia, precisa de um carro.”; “Aquela caixa podia ser a câmara municipal, ainda não temos uma”; “Eu gosto dos carros na cidade”.

Durante o momento em que as crianças estavam a construir a maquete, observei que a parte que estavam mais envolvidas foi a de pintura, pois era o tipo de atividade que estavam mais acostumados a fazer com a educadora. Penso que a atividade conseguiu responder aos objetivos pretendidos, uma vez que, as crianças desempenharam autonomamente as atividades artísticas propostas e conseguiram identificar e recriar os elementos da cidade que tínhamos conversado durante as atividades anteriores. Como pontos menos positivos nesta atividade destaco mais uma vez que, poderia ter optado por no final ter falado mais com as crianças sobre o trabalho desenvolvido para tentar criar mais atividades ao redor do que tínhamos desenvolvido; também a gestão do tempo não foi muito bem planeada por mim, pois poderia ter distribuído a atividade por mais dias de forma a conseguir dar mais tempo às crianças na elaboração dos materiais.

Como nas atividades anteriores, durante a atividade fiz o registo fotográfico da mesma, que irei apresentar em seguida:

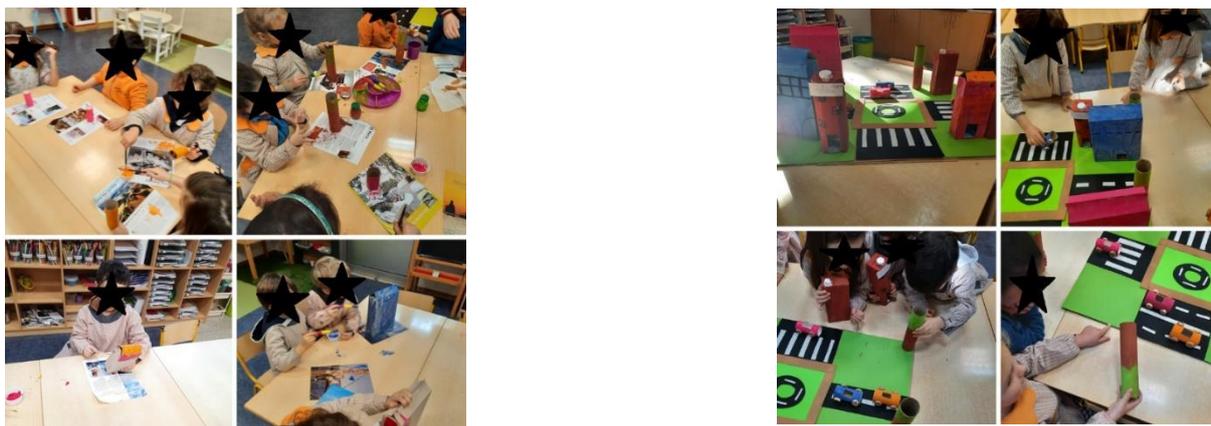


Figura 18- Preparação dos materiais para a maquete e montagem da mesma

### 3.3.3. Análise geral do projeto

No que concerne ao projeto de intervenção pedagógica desenvolvido em contexto de jardim-de-infância, penso que os objetivos traçados para o mesmo foram alcançados. Tinham sido definidos, durante o período de estruturação do projeto, um conjunto de objetivos para orientar o desenvolvimento do mesmo e o planeamento das atividades. Os objetivos definidos foram: proporcionar às crianças experiências que lhes possibilitem conhecer a sua cidade e perceber o que ela lhes oferece; promover o conhecimento dos diferentes serviços que facilitam as vidas das pessoas numa comunidade (ex.: hospital, polícias, bombeiros, camara municipal, biblioteca municipal, mercado municipal); promover a compreensão acerca da utilização de mapas; identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples.

De forma a alcançar o objetivo de promover a compreensão de mapas, foram criados com as crianças mapas do seus locais próximos (sala e instituição), de maneira a conseguirem identificar a utilidade dos mesmos no seu quotidiano, alcançando assim um dos objetivos, tendo sido possível esta conclusão nos comentários das crianças (ver diálogos de 5 a 11). Para além desta atividade, foram também observados pelo grupo outros exemplos de mapas, mais concretamente o mapa de Portugal (por ser o país de residência do grupo) e o mapa da cidade, tornando-se num momento de partilha de ideias entre as crianças e os adultos, e de trabalho de questões geográficas.

Para alcançar o objetivo de possibilitar que as crianças conhecessem os serviços “mais importantes” da cidade, foi planeado um roteiro pela cidade, em que alguns dos locais foram sugeridos por mim às crianças, mas a grande maioria foi escolhido pelas crianças. Apesar de ter sido um roteiro bastante interessante, que captou a atenção das crianças, como comprovamos pelas representações

feitas pelas mesmas , devido à pandemia não foi possível visitar o interior dos locais, não tendo sido a atividade tão proveitosa como estava planeada em primeira estância.

Este contratempo levou-me a repensar o resto das intervenções tentando que, de alguma forma, as crianças conhecessem o interior das instituições, planeando assim uma atividade , em que o cenário criado para o teatro continha imagens reais, que possibilitaram que as crianças conhecessem um pouco melhor os locais da sua cidade. Assim, num momento lúdico foram transmitidas algumas mensagens pedagógicas importantes, que exploraram diversas áreas de conteúdo, tendo sido na minha perspetiva benéfica para o desenvolvimento das crianças.

A atividade do teatro interativo, para além de possibilitar o conhecimentos dos espaços, como já referi, possibilitou que as crianças através das personagens da narrativa, conhecessem cada profissão e a sua função na vida quotidiana da cidade, bem como devem agir perante cada uma, tendo sido uma mais-valia, a forma interativa que a atividade foi desenvolvida.

Avaliando todas as atividades desenvolvidas, posso concluir que os objetivos foram alcançados, e as crianças no final de toda intervenção conheciam a sua cidade, as instituições que fazem parte da mesma e ainda as profissões e serviços prestados em cada local. Penso que todos os objetivos definidos foram assim alcançados, de uma maneira dinâmica e divertida para as mesmas. No entanto, afirmo que o projeto foi desenvolvido de mim para as crianças e não com as crianças porque, apesar de ter tido sempre em conta o interesse, bem estar e participação das mesmas, as atividades acabaram por ser sugeridas todas por mim e não pelo grupo, e em algumas poderia ter incluído mais a participação do mesmo, sendo uma reflexão que faço e que tenciono melhorar numa próxima intervenção.

No que concerne à pergunta definida para este projeto, que era: “Como promover a construção de conhecimentos sobre a cidade e os seus serviços?”, após a minha intervenção e investigação realizada no âmbito deste relatório, retiro várias conclusões, destacando em seguida as mais pertinentes. Numa primeira estância, apresentar o meio social próximo e envolvente da criança é importantíssimo para que esta conheça e perceba o seu passado, a sua história e a vida da sua comunidade, ajudando-a assim a construir a sua identidade pessoal, como comprovamos nas orientações curriculares para a educação pré-escolar “estes saberes facilitam uma progressiva consciência de si, do seu papel social e das relações com os outros e uma melhor compreensão dos espaços e tempos que lhe são familiares, permitindo-lhe situar-se em espaços e tempos mais alargados.” (Silva et al. 2016). Para além de este trabalho ajudar a criança a desenvolver

conhecimentos sobre si, ajuda-a também a conhecer melhor o mundo que a rodeia e a perceber que existem diferentes culturas, nacionalidades e histórias, enriquecendo-a culturalmente. Trabalhar ainda este género de questões facilita a aprendizagem de diversas ciências sociais no futuro escolar de cada criança, nomeadamente no campo da geografia, da história e das ciências humanas. A criança constrói assim os seus conhecimentos sobre estes assuntos, através da vivência direta de experiências que lhe permitam estar em contacto com os diferentes meios, bem como através da sua própria vontade de querer saber mais sobre si, sobre a sua comunidade e sobre o meio que a envolve, como pude concluir quando as crianças durante a saída à cidade iam fazendo perguntas sobre os locais, para saberem o que se fazia nos mesmos; ou no caso do contexto de creche, quando exploramos os alimentos dos animais, as crianças optaram por partilhar vivências ou queriam continuar a explorar para verem o que mais poderiam fazer com os mesmos.

Mas apesar de ter concluído que as atividades desenvolvidas alcançaram os objetivos definidos para o respetivo projeto, foram vários os contratemplos que surgiram durante este estágio. Em primeiro, o grupo de crianças com que trabalhei, como frequentavam uma instituição privada, tinham várias atividades extracurriculares, durante o tempo da educadora, o que acabava por tornar mais complicado a gestão do tempo de trabalho com os grupo. Para além disso, o período de estágio no contexto de jardim-de-infância ocorreu durante as épocas festivas, o que direcionou o tempo das crianças para essas festividades, acabando por reduzir o tempo de intervenção; por último, a situação da pandemia, limitou a nossa ação, porque houveram atividades que não puderam ser desenvolvidas como queria devido ao covid-19, bem como, houveram semanas em que o número de crianças no contexto era reduzido, tendo de alterar as datas de intervenção ou o tipo de atividades.

Em jeito de conclusão, este projeto de intervenção que desenvolvi foi uma mais-valia para a minha formação, pois todos os contratemplos e dificuldades possibilitaram-me refletir e repensar a minha prática, desafiando-me assim. Desenvolver um projeto que procure valorizar os interesses, gostos e curiosidades das crianças é um grande desafio e planeá-lo incluindo as crianças em todo o processo, ainda prorroga o desafio. A nossa ação deve-se prender na consciência do papel da criança no quotidiano educativo, fazendo com que ela participe sempre de forma ativa em todos os momentos.

## Capítulo IV- Considerações Finais

No decorrer das semanas de intervenção pedagógica, nos respectivos contextos, tive a oportunidade de realizar importantes aprendizagens, que me enriqueceram tanto a nível profissional como pessoal. Inicialmente os receios para este desafio eram grandes e não sabia o que esperar, mas com o passar do tempo, fui ultrapassando os medos, aproveitando os estágios para crescer enquanto profissional. Tive a oportunidade de me cruzar com excelentes profissionais que me apoiaram e orientaram neste processo e fizeram com que esta minha passagem por estes contextos fosse um importante marco no meu desenvolvimento profissional.

Gostaria de começar por salientar o que para mim foi mais marcante e enriquecedor, o primeiro contacto com as crianças. Em ambos os estágios, as primeiras semanas de contacto e observação, mostraram-se as mais importantes para a minha intervenção. Ao longo do meu ciclo de estudos, foi-me sempre dito que a observação, na área da educação, era a principal muleta para que as minhas práticas se enquadrassem com os reais interesses das crianças, e assim o verifiquei.

Como nos diz Parente, em 2012, quando realizamos observações significativas das crianças, conseguimos conhecer e compreender a criança, saber como é o seu temperamento, quais são os seus gostos/interesses; descobrimos o que fazem, como fazem e porquê que o fazem. As observações contínuas, permitem-nos ainda acompanhar o crescimento e evolução das crianças.

Para além da importância que atribuo à observação, o escutar a criança foi de igual forma importante, e quase que se fundiu com a observação, pois ajudou-me a focar nos mesmos pontos. Ao longo do meu percurso, afirmo que tive dificuldades em conseguir retirar o melhor partido destas técnicas, uma vez que, apesar de observar e escutar as crianças, as minha planificações e intervenções não surgiram unicamente destas observações, tendo acabo por desenvolver atividades que não partiram de momentos de observação, mas que tentei que se guiassem pelos interesses das mesmas. Como nos diz Dewey, 1976, é fundamental que os professores/educadores, conheçam as crianças e que tenham em atenção os seus interesses e experiências, para que a sua ação se desenvolva a partir daí, de forma a serem atividades inteligentes e experiências ampliadas. (citado por Carvalho & Sâmia, 2016, p. 47).

Para o projeto da creche foquei-me nas brincadeiras do tempo livre, em que a procura constante por animais, fez-me desenvolver um projeto que pudesse englobar esta temática e que apresentasse novos materiais para as crianças.

No projeto de jardim-de-infância, o tema desenvolvido seguiu o plano curricular da sala, como já referi anteriormente neste relatório, o que fez com que a participação das crianças não fosse tão ativa como esperado. Senti de facto dificuldade, em conseguir incluir as crianças durante todo o processo de planificação e ação, apesar de ter tentado que os tipos de atividades planeadas fossem de encontro aos interesses das crianças, como por exemplo, como observei o interesse pela áreas das artes, tentei que várias atividades incorporassem esta área.

Para além dos processos referidos, durante o desenvolvimento das atividades, fui elaborando registos de observações que depois organizei e procurei refletir sobre a minha ação. Estas reflexões semanais foram importantes para a adaptação da minha abordagem, de atividade para atividade, pois “ quando o educador reflete sobre a sua intervenção educativa à luz de uma atitude experiencial, quando se coloca na perspetiva da criança, quando procura ser empático e questionar com sistematicidade os acontecimentos que ocorrem no quotidiano educativo, está a contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da criança.”(Luís, Andrade e Santos, 2015, p.525)

O segundo ponto que gostaria de realçar, foram as aprendizagens que realizei em torno do papel do educador. A visão sobre os educadores de infância tem vindo a se alterar ao longo dos tempos, juntamente com a visão sobre a crianças. O educador deixou de ser visto como um mero cuidador, e passou a ocupar um posição primordial na vida de cada uma, sendo responsável pelo seu bem-estar físico e mental e pelo desenvolvimento cognitivo. Enquanto profissionais temos de ser flexíveis, temos de ter a consciência que todos os contextos são diferentes, todas as crianças são diferentes, e temos de ser nós a adaptarmo-nos a elas. É fundamental que o educador encontre o equilíbrio entre os conteúdos e áreas de aprendizagem que são necessárias ser trabalhadas com as crianças e os seus interesses. Devemos reconhecer às crianças o direito de participarem ativamente no seu processo educativo, ouvindo-as e incluindo-as em todos os momentos do dia.

Como nos diz, Luís, Andrade e Santos (2015), este reconhecimento da criança, como um agente ativo do seu processo de aprendizagem , promove a qualidade educativa dos ambientes de infância, pois implica que o educador repense a sua intervenção educativa, tornando esta mais inclusiva, de forma a valorizar e garantir a participação ativa de cada criança no quotidiano educativo.

Acho também importante, abordar o tema do brincar e o quanto aprendi com o brincar das crianças. Uma atividade característica desta faixa etária, e que por vezes, com as alterações que vemos na nossa sociedade, tem vindo a ser esquecida ou mesmo desvalorizada, mas que é o ponto de partida para o desenvolvimento de várias competências. A criança ao brincar imagina, salta, corre, fala, dialoga, debate, explora, conhece os outros, conhece o mundo que a rodeia... Ao brincar cresce de uma forma positiva. Tive no decorrer deste estágio, a oportunidade de ver brincar e brincar com eles. No brincar fui conhecendo as crianças, fui rindo com elas, fui conversando e fortaleci a minha relação com elas, deixando-as mais seguras e confortáveis com a minha presença. Para um educador, é importante participar no momento de brincadeira com as crianças, pois só assim é que muitas vezes consegue conhecer realmente o seu grupo. Como podemos comprovar nas orientações curriculares para a educação pré-escolar “numa dinâmica de interação, em que se articulam as iniciativas das crianças e as propostas do educador, brincar torna-se um meio privilegiado para promover a relação entre crianças e entre estas e o/a educador/a, facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais e o domínio progressivo da expressão oral”. (Silva et. al. 2016)

Dando continuidade ao assunto iniciado anteriormente, gostaria de abordar ainda a importância de estabelecer uma relação de confiança com as crianças. De forma que esta se sinta segura no ambiente em que está inserida, é necessário que o adulto lhe transmita essa segurança, não sendo apenas uma segurança física, mas uma segurança emocional também. “As aprendizagens das crianças começam com o carinho (Brazelton & Greenspan, 2009) e, quando os/as educadores/as revelam ser calorosos e empáticos, funcionam como modelos para as crianças, promovendo comportamentos de ajuda e de cuidados para com os outros (Eisenberg, 1992 citado por Papalia, Olds & Feldman, 2001).” (Citado por Lopes, 2014)

Gostaria agora de abordar algumas dificuldades que senti, nomeadamente na gestão do tempo de intervenção. Quando planeamos alguma atividade é fundamental que se pense sempre na possibilidade de não ocorrerem tal como planeado, havendo a necessidade de se modificar e adaptar as mesmas aos momentos. Senti que no decorrer das semanas, e devido às inúmeras atividades que as crianças tinham, não consegui adaptar-me aos seus horários e por vezes as atividades não correram tal e qual, eu planeava.

Em jeito de conclusão, reflito que as experiências pedagógicas que vivenciei ajudaram-me muito a evoluir enquanto profissional, e fizeram-me perceber os verdadeiros desafios da profissão. Ser educadora, é olhar para uma criança e vê-la como um ser capaz, consciente, autónomo e agente do

seu processo educativo. Nunca devemos esquecer a importância destes primeiros anos de vida no desenvolvimento de uma criança, e devemos pensar sempre em adaptar a nossa ação para os reais interesses das crianças.

## Referências Bibliográficas

- Araújo S. (2018). Capítulo II- Abordagem HighScope para a Educação e Cuidados em Creche. In J. Oliveira-Formosinho e S. Araújo (Orgs.), *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche* (pp. 71-93) Porto Editora.
- Baptista T., Neto D. (2019). *Dicionário da Psicologia*. 1ª Edição. Edições Sílabo.
- Bento G., Portugal G. (2016) Valorizando o Espaço Exterior e Inovando práticas pedagógicas em educação de infância. In *Revista Iberoamericana de Educación* (2016), vol. 72, pp. 85-104 – OEI
- Borba, A. M. (2007) A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. In: BRASIL/MEC – *Revista Criança*, V.44- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, (pp. 12-21)
- Buzan, T. (1996). *El libro de los mapas mentales*. Barcelona: Editorial Urano.
- Carvalho, M., & Sâmia, M. (2016). Aprender a escutar crianças: um dispositivo de formação. *Saber & Educar*, (21), 40-48. <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/206/222>
- Coutinho, C. P., Sousa, A. D., Anabela, B., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, 13 (2), 455-479.  
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o\\_Ac%C3%A7%C3%A3o\\_Metodologias.PDF](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF)
- Fochi S. (2018). Pikler-Lóczy: A Construção de uma Pedagogia dos Detalhes. In J. Oliveira-Formosinho e S. Araújo (Orgs.), *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche* (pp. 71-93) Porto Editora.
- Fonseca K., (2012). Investigação – Ação: Uma Metodologia Para Prática e Reflexão Docente. *Revista Onis Ciência*, Braga, V.1(Nº 2), 16-31.
- Gandini, L., & Goldhaber, J. (2002). Duas reflexões sobre a Documentação. In: L. Gandini, C. Edwards, (Org.), *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil* (pp. 150-169). Porto Alegre: Artmed.
- Ganhão, A. (2017). Brincar sem teto: A Importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de Infância. [Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Setúbal].  
<http://hdl.handle.net/10400.26/18586>
- Hohman M., Weikart D. (1997). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian
- Hohmann, M., & Weikart, D. P., (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma praxis de participação*(pp.45-92). Porto: Porto Editora.
- Luis J., Andrade S., Santos P. (2015). *A atitude do educador de infância e a participação da criança como referenciais de qualidade em educação*. Revista Brasileira da Educação, 20(61), (521-541) <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206112>
- Machado I., Sousa J.,(2018). Anexo I- Organização do Espaço e Materiais Educativos na Pedagogia-em-Participação para a Educação em Creche. In J. Oliveira-Formosinho e S. Araújo (Orgs.), *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche* (pp.56-63) Porto Editora.
- Machado, M. M. (2003). *O brinquedo-sucata e a criança*. Edições Loyola
- Marques, A. (2008). Utilização Pedagógica de Mapas Mentais e de Mapas Conceptuais. [Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.] <http://hdl.handle.net/10400.2/1259>
- Máximo-Esteves. L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto Editora
- Niza, S. (2013). O Modelo Pedagógico Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma praxis de participação*(pp.45-92): Porto Editora.
- Nascimento, I. (2021). As Experiências Sensoriais enquanto Promotoras do Desenvolvimento Motor na Creche e Jardim de Infância.[ Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Setúbal- Escola Superior de Educação]. <http://hdl.handle.net/10400.26/37524>
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). A contextualização do Modelo Curricular High/Scope no âmbito do Projeto Infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma praxis de participação*(pp.61-109). Porto Editora.
- Parente C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Casa do trabalho.
- Post J ., & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*.: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva. *Revista Lusófona da Educação*, 5 (5), 127-142.
- Silva I., Marques L., Mata L., Rosa M. (2016). *Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação-Direção Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes\\_Curriculares.pdf](https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf)
- Soares M. (1997). O Meio Social. In M. Bohigas, A. Cervera, M. Rodriguez, M. Garcia, J. Hoyo, P. Schmilovich (Eds.), *Enciclopédia de Educação Infantil* (pp. 375-447). Nova Presença-Divulgação de Livros para Ensino E Cultural, LDA.
- Soares M. (1997). O Meio Físico. In M. Bohigas, A. Cervera, M. Rodriguez, M. Garcia, J. Hoyo, P. Schmilovich (Eds.), *Enciclopédia de Educação Infantil* (pp. 465-603). Nova Presença-Divulgação de Livros para Ensino E Cultural, LDA.
- Sunal C. *Os Estudos Sociais na Educação de Infância*. Universidade de Alabama.
- Spodek B., Saracho O. (1998). Estudos sociais para crianças pequenas. *Ensinando Crianças de Três a Oito anos* (323-333). Porto Alegre
- Walker S. (2007) Early Instruction in Geography: An Exploration in the Ecology of Kindergarten and First-Grade Geography Education, *Journal of Geography*.

## Anexos

**Anexo 1:** Exemplo de uma planificação de uma atividade realizada no contexto de creche

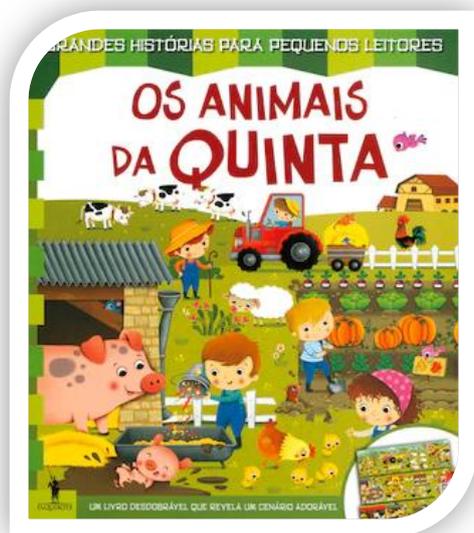
<b>Atividade de intervenção</b>			
<b>Atividade:</b> Alimentação dos animais			
<b>Data:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
8 de junho	20 minutos	Crianças; Estagiária;	-Livro:” A Quinta: Porquê que as vacas dão leite?”  -Caixa de papel;  -Imagem de uma vaca;  -Luvas de borracha;  -Leite;  -Balde;
<b>Experiências-Chave High/Scope para Bebés e Crianças</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Sentido de si próprio:</u> Fazer coisas por si próprio;</li> <li>• <u>Representação Criativa:</u> Responder e identificar figuras e fotografias;</li> <li>• <u>Comunicação e Linguagem:</u> Participar na comunicação dar e receber;</li> <li>• <u>Explorar objetos:</u> Explorar objetos com as mãos, pés, boca, olhos, ouvidos e nariz;</li> </ul>			
<b>Objetivos pedagógicos</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar uma ligação com as atividades desenvolvidas anteriormente, de forma a proporcionar um maior conhecimento sobre o animal em questão;</li> <li>• Favorecer a exploração e o contacto com materiais diferentes do habituais da sala;</li> </ul>			

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar às crianças uma experiência semelhante à realidade de ordenhar uma vaca;</li> <li>• Possibilitar o contacto com o leite, provando o mesmo;</li> </ul>
<b>Descrição da atividade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esta atividade surgiu com o objetivo de proporcionar às crianças uma experiência semelhante à realidade de ordenhar uma vaca;</li> <li>• Como forma de contextualizar esta atividade, a ideia será fazer uma breve leitura com as crianças, com o apoio do livro “A Quinta: Porquê que a vaca dá leite?”.</li> <li>• Este livro é composto por um conjunto de perguntas sobre a quinta, sendo que uma delas é “Porquê que as vacas dão leite?”. Optei por este livre e por explorar este tema como forma de consolidar as atividades anteriores. Na atividade passada falamos do habitat da vaca e da sua alimentação, e achei interessante continuar a explorar este animal e fazer referência ao alimento que este animal nos dá, o leite.</li> <li>• Após a leitura do livro, irei apresentar às crianças a vaca que irei levar para sala para elas experimentarem ordenhar uma vaca. Esta vaca será construída previamente por mim, sendo utilizada uma caixa de cartão, uma imagem do animal, uma luva, leite e um copo ou balde, para recolher o líquido e para as crianças poderem provar.</li> </ul>
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo escrito (notas de campo);</li> <li>• Registo fotográfico;</li> </ul>

**Anexo 2:** Planificação de uma atividade realizada no contexto de jardim-de-infância

Atividade/Estratégia	Área de Conteúdo	Objetivos/competências	Recursos	Procedimentos de avaliação
<p>-Diálogo com as crianças sobre o tema: mapas;</p> <p>-Criação de um mapa da sala;</p> <p>-Criação de um mapa da instituição;</p>	<p>-Área de Formação pessoal e social</p> <p>-Área de conhecimento do mundo</p>	<p>-Conhecer um mapa e a sua utilidade;</p> <p>-Conhecer a organização da sala/instituição;</p> <p>-Estimular a curiosidade;</p> <p>-Aumentar vocabulário relacionado com o tema;</p>	<p>-Mapa de Portugal;</p> <p>-Imagens da sala;</p> <p>-Imagens da instituição;</p>	<p>-Registos escritos das várias intervenções das crianças durante a realização da atividade;</p> <p>-Registos fotográficos dos vários momentos da realização da atividade, mais concretamente da participação das crianças na mesma;</p> <p>-Observação dos comportamentos, atitudes e da participação das crianças durante a realização da atividade;</p>
<b>Descrição da atividade:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para a realização desta atividade irei começar por reunir as crianças em grande grupo e iniciarei um diálogo com as mesma.</li> <li>• Após recolher as primeiras impressões das crianças sobre o tema, irei mostrar as imagens que levei para sala, dos diferentes mapas e irei recolher as opiniões e observações das crianças;</li> <li>• Num terceiro momentos irei propor a criação de um mapa da sala e da instituição;</li> <li>• Num último momento, irei tentar perceber junto das crianças o que acharam da atividade e tentar perceber se as ideias iniciais delas se alteraram em relação ao tema;</li> </ul>				

### Anexo 3- Panóplia de livros utilizados nas atividades de creche



#### SINOPSE

*“Aqui está uma descoberta lúdica e interativa o dia-a-dia numa quinta.*

*Ao desdobrarem o livro, página a página, os pequenos leitores irão encontrar-se no cenário de uma quinta, repleto de deliciosos detalhes. Está lá tudo: o galinheiro, o celeiro, o pomar, a horta, as abelhas e as suas colmeias, ovelhas no prado e muito mais!*

*Um livro que lhes permite participar ativamente na leitura, uma vez que devem imitar animais, responder a perguntas, imaginar o resto da história. O texto, muito rítmico, ajuda-os a enriquecerem o seu vocabulário, enquanto desenvolvem também a sua motricidade.”*



#### SINOPSE

*“Esta coleção foi concebida para dar explicações ajustadas às crianças, sobre temas comuns. Assim, cada livro reúne 11 perguntas, feitas realmente por crianças. São perguntas muito simples, formuladas “à maneira dos pequeninos curiosos”, com as respetivas respostas e bonitas ilustrações a acompanhar. A Quinta responde a perguntas como:*

*Porque é que as rodas do trator são pequeninas à frente e grandes atrás?*

*Porque é que as raposas não vivem nas quintas?”*

*Porque é que há tantas moscas na quinta?*

## SINOPSE

*“Quinta, Vamos trabalhar!”*

*-Queres fazer festinhas aos patinhos? E andar a cavalo ou de trator?*

*Do cordeirinho fofo às máquinas grandes e barulhentas, toda a vida da quinta está presente neste livro, ideal para bons momentos de partilha entre crianças e adultos.*

*Com imagens reais, perguntas divertidas e várias onomatopeias, que estimulam o raciocínio e a fala!*

*Com separadores de fácil manuseamento que permitem aos mais pequeninos escolher o subtema a explorar!”*

